

Dos Desafios às Oportunidades: Explorando o papel do empreendedorismo feminino no empoderamento de mães de autistas

VERSÃO FINAL APÓS DEFESA

Thalyta Paula Freitas da Silva Soares

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Gestão
(2º ciclo de estudos)

Orientadora: Prof. Doutora Raysa Geaquinto Rocha
Co-orientador: Prof. Doutor Paulo Pinheiro

Novembro de 2024

Folha em branco

Declaração de Integridade

Eu, Thalyta Paula Freitas da Silva Soares, que abaixo assino estudante com o número de inscrição 12338 do Mestrado em Gestão da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, declaro ter desenvolvido o presente trabalho e elaborado o presente texto em total consonância com o **Código de Integridades da Universidade da Beira Interior**.

Mais concretamente afirmo não ter incorrido em qualquer das variedades de Fraude Académica, e que aqui declaro conhecer, que em particular atendi à exigida referenciação de frases, extratos, imagens e outras formas de trabalho intelectual, e assumindo assim na íntegra as responsabilidades da autoria.

Universidade da Beira Interior, Covilhã 29 /11 /2024

Thalyta Soares

Folha em branco

Dedicatória

Dedico este trabalho a todas as mulheres, empreendedoras, mães atípicas e não atípicas, mães solo, que diariamente enfrentam inúmeros desafios, abrem mão de suas carreiras profissionais e vida pessoal, e se desdobram para cuidar, amar e defender os direitos dos seus filhos, sem perder as forças e esperanças.

A vocês, que transformam o amor em coragem e resiliência, encontrando no empreendedorismo uma forma de reinventar-se e criar oportunidades para suas famílias. Que suas histórias continuem inspirando outras mulheres a descobrirem seu poder e capacidade de superar barreiras.

Especialmente, dedico este trabalho à minha irmã, uma mãe atípica, que sempre compartilhou comigo seus desafios diários e sua incansável luta pelos direitos do seu filho, permitindo-me enxergar esse mundo com uma nova perspectiva. A minha mãe, que sempre escolheu se dedicar inteiramente a cuidar de mim e dos meus irmãos, encontrando no empreendedorismo uma solução para nos proporcionar uma vida melhor e mais digna. Ao meu esposo, minha família, amigos, que me apoiam em todas as minhas jornadas e às mães de autistas que compartilharam comigo suas experiências e me ajudaram a construir este estudo.

Folha em branco

Agradecimentos

A realização deste trabalho não seria possível sem o apoio, incentivo e colaboração de muitas pessoas, às quais sou profundamente grata.

Agradeço, primeiramente, a Deus por me dar forças, sabedoria e saúde, para concluir mais esta etapa na minha vida acadêmica.

À minha orientadora Raysa Geaquinto e ao meu co-orientador Paulo Pinheiro, pela paciência, orientações valiosas e por acreditar no potencial deste trabalho. Suas dedicações e conselhos foram essenciais para o desenvolvimento desta pesquisa.

Agradeço, de forma especial, as mães de autistas que prontamente se disponibilizaram em compartilhar suas experiências e histórias de vida comigo. Sem sua generosidade e coragem, esta pesquisa não seria possível. Vocês são uma verdadeira inspiração.

Por fim, mas não menos importante, a minha irmã, aos meus pais, ao meu esposo, minha família, amigos e colegas por todo apoio em todos os momentos, oferecendo amor, compreensão e suporte incondicional. A vocês, minha eterna gratidão.

Folha em branco

Resumo

O presente estudo tem o objetivo de entender (1) como o empreendedorismo contribui positivamente para que mães de autistas tenham maior autonomia e (2) como a intenção empreendedora, equilíbrio entre trabalho-família e o medo do fracasso empreendedor, são pertinentes e necessários para que as mães de autistas tenham autoeficácia empreendedora, no contexto brasileiro. A pesquisa fundamenta-se nas teorias do comportamento planejado e do enriquecimento trabalho-família como alicerces teóricos. Adotou-se uma abordagem metodológica mista, com coleta de dados por meio de questionário e entrevistas em profundidade. Os dados quantitativos, provenientes de 80 questionários, foram submetidos à Análise de Condição Necessária (NCA), enquanto as 10 entrevistas foram examinadas através de uma análise temática. Os resultados da NCA demonstram que intenção empreendedora, equilíbrio entre trabalho-família e o medo do fracasso empreendedor constituem condições necessárias para que mães de crianças autistas alcancem níveis elevados de autoeficácia, corroborando aspectos da Teoria do Comportamento Planejado. A análise qualitativa, fundamentada na Teoria do Enriquecimento Trabalho-Família, elucidou desafios singulares enfrentados por essa população, destacando-se a ausência de uma rede de apoio robusta e a escassez de recursos financeiros como obstáculos primordiais. Um achado particularmente relevante mostra que as empreendedoras mães atípicas priorizam deliberadamente o equilíbrio entre as esferas profissional e familiar, frequentemente em detrimento da expansão de seus empreendimentos, alinhando-se aos pressupostos da Teoria do Enriquecimento Trabalho-Família. Infere-se, portanto, que o empreendedorismo por necessidade, embora ofereça a flexibilidade e autonomia preconizadas por ambas as teorias, demanda concomitantemente a implementação de políticas de apoio especificamente direcionadas a esse público. Esta investigação contribui para a evolução conhecimento sobre empreendedorismo feminino e maternidade atípica, fornecendo perspectivas para a formulação de políticas públicas e o desenvolvimento de práticas de suporte mais eficazes e personalizadas às necessidades dessas empreendedoras.

Palavras-chave

Empreendedorismo feminino; Empreendedorismo para Mães de autistas; Autismo.

Folha em branco

Abstract

This study aims to understand (1) how entrepreneurship positively contributes to mothers of autistic children having greater autonomy and (2) how entrepreneurial intention, work-family balance and fear of entrepreneurial failure are relevant and necessary for mothers of autistic children to have entrepreneurial self-efficacy in the Brazilian context. The research is based on the theories of planned behavior and work-family enrichment as theoretical foundations. A mixed methodological approach was adopted, with data collection through questionnaires and in-depth interviews. Quantitative data from 80 questionnaires were subjected to Necessary Condition Analysis (NCA), while the 10 interviews were examined through a thematic analysis. The results of the NCA demonstrate that entrepreneurial intention, work-family balance and fear of entrepreneurial failure are necessary conditions for mothers of autistic children to achieve high levels of self-efficacy, corroborating aspects of the Theory of Planned Behavior. The qualitative analysis, based on the Work-Family Enrichment Theory, elucidated unique challenges faced by this population, highlighting the lack of a robust support network and the scarcity of financial resources as primary obstacles. A particularly relevant finding shows that atypical mother entrepreneurs deliberately prioritize the balance between work and family spheres, often to the detriment of the expansion of their businesses, in line with the assumptions of the Work-Family Enrichment Theory. It can be inferred, therefore, that entrepreneurship by necessity, although offering the flexibility and autonomy advocated by both theories, simultaneously demands the implementation of support policies specifically targeted to this population. This research contributes to the evolution of knowledge about female entrepreneurship and atypical motherhood, providing perspectives for the formulation of public policies and the development of more effective support practices tailored to the needs of these entrepreneurs.

Keywords

Female entrepreneurship; Entrepreneurship for mothers of autistic people; Autism.

Folha em branco

Índice

| | |
|--|------|
| Dedicatória..... | vi |
| Agradecimentos | viii |
| Resumo | x |
| Palavras-chave | x |
| Abstract..... | xii |
| Capítulo 1: Introdução | 1 |
| Capítulo 2: Enquadramento Teórico | 3 |
| 2.1 Teoria do Comportamento Planejado | 3 |
| 2.2 Teoria do Enriquecimento Trabalho e Família..... | 4 |
| 2.3 Empreendedorismo Feminino..... | 6 |
| 2.3.1 Empreendedorismo Materno | 8 |
| 2.4 Autonomia de mães de autista e o empreendedorismo..... | 9 |
| Capítulo 3: Métodos e Materiais..... | 11 |
| 3.1 Amostra e Recolha de dados | 11 |
| 3.1.1 Amostra e Recolha de Dados – Questionário | 11 |
| 3.1.2 Amostra e Recolha de Dados – Entrevista | 13 |
| 3.2 Métodos de Análise de Dados | 16 |
| 3.2.1 Métodos de Análise de Dados – Questionário | 16 |
| 3.2.2 Análise das Condições Necessárias..... | 17 |
| 3.2.3 Métodos de Análise de Dados – Entrevistas..... | 23 |
| Capítulo 4: Resultados | 27 |
| 4.1 Resultados da Análise de Condições Necessárias | 27 |
| 4.2 Resultados Análise Temática | 27 |
| Capítulo 5: Discussão..... | 33 |
| 5.1 Contribuições Teóricas | 33 |
| 5.1 Implicações Sociais e Políticas | 35 |
| Capítulo 6: Conclusão | 37 |
| Referências..... | 39 |
| Apêndice | 52 |

Folha em branco

Lista de Figuras

| | |
|---|----|
| Figura 1. Gráfico de Dispersão EQ-AF | 21 |
| Figura 2 Gráfico de Dispersão IE-AF | 21 |
| Figura 3 Gráfico de Dispersão MF-AF..... | 21 |

Folha em branco

Lista de Tabelas

| | |
|--|----|
| Tabela 1 Amostra Questionário | 12 |
| Tabela 2 Desenho da Pesquisa Qualitativa | 14 |
| Tabela 3 Perfil das Entrevistadas | 15 |
| Tabela 4 Sumário de Parâmetros..... | 18 |
| Tabela 5 Resumo da ANC para IE, EQ, MF e os Resultados AF..... | 19 |
| Tabela 6 Análise de Gargalos para Autoeficácia | 20 |
| Tabela 7 Fases da Análise Temática | 24 |
| Tabela 8 Relação de códigos com trechos das entrevistadas..... | 24 |

Folha em branco

Lista de Acrónimos

| | |
|--------|--|
| UBI | Universidade da Beira Interior |
| TBP | Teoria do Comportamento Planejado |
| TETF | Teoria do Enriquecimento Trabalho-Família |
| IE | Intenção Empreendedora |
| EQ | Equilíbrio entre Trabalho-Família |
| MF | Medo do Fracasso Empreendedor |
| AF | Autoeficácia |
| NCA | Análise das Condições Necessárias |
| TEA | Transtorno de Espectro Autista |
| CUT | Central Única dos Trabalhadores |
| SUS | Sistema Único de Saúde |
| SEBRAE | Serviço Brasileiro de Apoio às Microempresas |
| LOAS | Lei Orgânica de Assistência Social |
| CLT | Consolidação das Leis do Trabalho |

Folha em branco

Capítulo 1: Introdução

O empreendedorismo feminino cresce consideravelmente em países desenvolvidos e em desenvolvimento (Patrick et al., 2016). Nos Estados Unidos, mais do que duplicou o número de mulheres empreendedoras nas últimas décadas, assim como na China, destaca-se o aumento de forma acelerada (Kevane & Wydick, 2001; Patrick et al., 2016). O Brasil possui cerca de 34% de mulheres empreendedoras, ocupando o sétimo lugar no ranking mundial de empreendedorismo feminino (SEBRAE, 2023). No Oriente Médio e na África há uma taxa elevada de 31,4% de intenções empreendedoras femininas (GEM, 2023). Já na Europa, a taxa de atividades empreendedoras mundialmente para mulheres foi considerada baixa, variando entre 1,6% na Polônia e no máximo 10,6% no Reino Unido (GEM, 2023).

São diversos os motivos que impulsionam as mulheres a empreenderem, pode ocorrer devido à insatisfação em seus empregos anteriores, onde as funções já não atendem mais às suas expectativas, sejam em termos econômicos ou profissionais, a descoberta de uma oportunidade de negócio inovadora ou a busca por um maior reconhecimento na sociedade (Naser, 2012). Além disso, questões relacionadas à família, especialmente quando a maternidade se torna uma realidade em suas vidas, são razões importantes que despertam o desejo e a motivação para o empreendedorismo feminino (Fernandez, 2014). Desta forma, segundo o GEM (2023) mundialmente, uma em cada seis mulheres expôs a intenção de empreender em um futuro próximo.

De acordo com Fitzsimmons et al. (2014), na maioria das culturas ao redor do mundo a mulher atua como principal cuidadora da família. Consequentemente, o empreendedorismo traz uma maior autonomia e flexibilidade para poder acompanhar de perto o desenvolvimento e a evolução de seus filhos, até que tenham idade e maturidade suficiente para cuidarem de si de forma independente (Carr, 1996; Thébaud, 2015; Loscocco & Bird, 2012).

Um estudo multilocal da Rede Espectro Autista Latino-Americana, incluindo Brasil, Argentina, Chile, Uruguai, Venezuela e República Dominicana, com o objetivo de identificar as principais barreiras com relação ao cuidado e mapear o estigma entre famílias de indivíduos autistas identificou que o Brasil obteve o maior número de relatos negativos (51,2%) onde os cuidadores se sentem mais desamparados por terem um filho autista. A pesquisa revelou também que o país possui pouco acesso à informação sobre

TEA e apoio limitado se comparado aos outros países (Paula et al., 2020; Araújo, et al., 2023).

Conciliar a vida pessoal e profissional apresenta diversos desafios para as mães, mas quando se trata de mães de crianças com necessidades especiais, em particular aquelas com filhos diagnosticados com Transtorno de Espectro Autista (TEA), os desafios se tornam ainda mais substanciais. De acordo com Aishworiya et al. (2012), o TEA é uma condição neurocomportamental que possui um desenvolvimento complexo e reflete-se principalmente no desenvolvimento infantil, tendo níveis leves a significativos, podendo comprometer a fala, a comunicação não-verbal, interação social e comportamentos repetitivos (Mais et al., 2017; Lord, et al., 2020; De Pape & Lindsay, 2015). Deste modo, faz-se necessário entender: Qual a relação entre a Intenção Empreendedora (IE), o Medo do Fracasso empreendedor (MF), o Equilíbrio trabalho-família (EQ) e Autoeficácia (AF) das mães atípicas empreendedoras no contexto brasileiro? e como o empreendedorismo para a autonomia das mães de autistas empreendedoras no contexto brasileiro?

Diante da relevância temática, da dificuldade e urgência de desenvolver pesquisas (Naser, 2012) que entendam o empreendedorismo feminino das mães de autistas, o presente estudo tem o objetivo de entender (1) como o empreendedorismo contribui positivamente para que mães de autistas tenham maior autonomia e (2) como a intenção empreendedora, equilíbrio entre trabalho-família e o medo do fracasso empreendedor, são pertinentes e necessários para que as mães de autistas tenham autoeficácia empreendedora. Para atingir os objetivos propostos, conduziu-se um estudo misto, utilizando coletas de dados quantitativos por meio de questionários e qualitativas por meio de entrevistas.

O estudo está dividido em cinco capítulos: No primeiro capítulo, são apresentadas a introdução e justificção da pesquisa, juntamente com seus objetivos. Em segundo lugar, o enquadramento teórico, indicando as duas teorias que norteiam e justificam esta pesquisa, abordando os principais conceitos relacionados ao empreendedorismo feminino materno e os desafios enfrentados por mães de crianças autistas. No terceiro capítulo, é descrita a metodologia adotada, detalhando o desenho da pesquisa, os instrumentos da coleta de dados, a análise temática das entrevistas e Análise de Condições Necessárias (NCA) do questionário. No quarto capítulo apresenta-se os resultados das análises, seguindo de uma discussão importante sobre os resultados encontrados. No último capítulo, são expostas as conclusões do estudo e contribuições

para a literatura, as limitações encontradas e sugestões para pesquisas futuras.

Capítulo 2: Enquadramento Teórico

2.1 Teoria do Comportamento Planejado

A teoria do comportamento planejado (TPB), segundo Aliedan et al. (2022), é uma das teorias mais fortes e eficazes da literatura para avaliar a intenção e o comportamento empreendedor. Esta teoria foi escolhida como uma base fundamental teórica desta pesquisa, pois através dela é possível entender os fatores psicológicos que levam as mães de autistas a empreenderem, através da combinação desses fatores é possível avaliar a intenção empreendedora e conseqüentemente o seu comportamento empreendedor.

A TPB (Ajzen, 1991) está diretamente relacionada à intenção empreendedora, tendo como objetivo, investigar os principais motivos que levam o indivíduo a empreender, estudando a relação entre as atitudes pessoais e o comportamento pessoal (Al-Mamary & Alraja, 2022) Foi criada por Ajzen (1991) como uma readaptação da ação racional de Fishbein & Ajzen (1975), que constatou que o comportamento humano é resultado da intenção. O comportamento humano pode ser previsto, pois a maioria de suas atitudes são planejadas de acordo com a variedade de cenários. Logo, Ajzen (1991) percebeu que a intenção empreendedora é formada por três fatores: atitude em relação ao comportamento, norma subjetiva e controle comportamental percebido.

A atitude em relação ao comportamento refere-se à avaliação sobre um comportamento, de acordo com as suas crenças, ela conclui se este comportamento foi positivo, negativo ou neutro. Quando há uma opinião positiva sobre determinado comportamento, é que devido a execução desta determinada ação irá resultar em conseqüências favoráveis, por outro lado, se ocorrer uma atitude negativa em relação ao comportamento, em razão de suas crenças, terá resultados menos favoráveis. Em resumo, a formação de atitude em relação ao comportamento envolve uma avaliação das possíveis conseqüências deste comportamento e das emoções associadas a ele. Logo, Alharbi et al. (2021) constataram que, a atitude está diretamente relacionada à intenção, por exemplo: uma pessoa que tem uma atitude positiva em relação à prática de exercícios físicos, acreditando que isso melhora sua saúde bem-estar, é mais propensa a ter intenção de se exercitar regularmente (Ajzen, 1991; Miller, 2011; Al-Mamary et al., 2020).

A norma subjetiva é a percepção que o indivíduo tem da pressão social para se envolver

ou abster-se de realizar um determinado comportamento, ou seja, é o ponto de vista dos grupos sociais que são referência para o indivíduo, estes amigos ou familiares influenciam diretamente nas expectativas para realizar ou não um determinado comportamento ou tomar alguma decisão. É a pressão social percebida para agir de determinada maneira, por exemplo, se uma pessoa percebe que seus amigos e familiares valorizam o empreendedorismo e são empreendedores, isso aumentará a sua intenção de abrir um negócio (Ajzen, 1991; Al-Mamary et al., 2020; Kashif et al., 2018).

O controle comportamental percebido é a facilidade ou dificuldade para a compreensão de realizar um determinado comportamento. Dependendo dos recursos disponíveis, das habilidades pessoais e dos obstáculos identificados, estes fatores internos e externos podem facilitar ou dificultar a execução do seu comportamento. Quanto mais uma pessoa tem controle sobre seu comportamento, maior é a chance de se comportar de acordo com as suas intenções e maior é a probabilidade de prever seu comportamento futuro. Por exemplo, se uma pessoa deseja começar a praticar exercícios físicos e se sente confiante e consegue superar obstáculos como falta de tempo, cansaço ou motivação, ela possui um alto nível de controle comportamental percebido, tendo um resultado positivo e controle da sua decisão, pois consegue superar qualquer desafio que surgir. No caso inverso, alguém que se sente impotente e incapaz de mudar seus hábitos, por acreditar que não consegue superar os desafios, terá um baixo controle comportamental percebido e é menos propenso a realizar uma rotina de exercícios. O controle comportamental percebido pode ser muito utilizado para prever o comportamento, mas ele por si só não pode ser utilizado como um parâmetro para medir a intenção ou atitude comportamental daquele indivíduo (Ajzen, 1991; Al-Mamary et al., 2020; Hansen et al., 2018). Logo, a intenção empreendedora é formada pela combinação desses três fatores, quanto mais positiva for a atitude com relação ao comportamento, maior é a norma subjetiva e mais superior será o controle percebido sobre o comportamento, maior é a intenção de realizar o objetivo específico (Tseng et al., 2022; Al-Jubari, 2019).

2.2 Teoria do Enriquecimento Trabalho e Família

Em conformidade aos propósitos desta pesquisa, esta teoria foi escolhida, pois reforça a importância da relação de equilíbrio familiar para mulheres empreendedoras. A família é uma fonte de inspiração, apoio e incentivo para iniciarem o seu próprio negócio, sendo neste ambiente familiar o lugar que desenvolvem suas habilidades. A necessidade de criar seu próprio negócio é justamente para equiparar esta necessidade de ter um

trabalho que ofereça autorrealização, ambição profissional e a necessidade de cuidar da sua família. O enriquecimento dos efeitos positivos que existem na harmonia entre trabalho e família, podem se complementar e fortalecer uns aos outros, trazendo um bem-estar individual, familiar e empresarial (Walker & Webster 2006; Walker et al., 2008; Kirkwood & Tootell 2008).

Ao buscar o equilíbrio entre a relação do trabalho com a relação familiar, surgem inúmeros desafios para os indivíduos, estes conflitos afetam especialmente as mulheres, que enfrentam uma pressão maior e desproporcional, geradas pela desigualdade de gênero, elas em sua maioria priorizam os cuidados familiares em detrimento de suas carreiras. Esta dinâmica relação cria um conflito constante em suas vidas, aumentando conseqüentemente a barreira existente no progresso e na realização profissional de muitas mulheres (Cross & Linehan, 2006).

Na literatura é possível identificar muitos estudos que abordam mais o conflito, sendo a perspectiva mais dominante, justificando que, como os recursos são escassos e limitados, em algum momento o indivíduo irá enfrentar uma situação desafiadora que irá gerar incompatibilidade e afetará negativamente a sua qualidade de vida (Shelton, 2006; Jennings & McDougald, 2007; Kirkwood & Tootell, 2008; Walker et al., 2008). Porém, a teoria do enriquecimento trabalho-família (Greenhaus & Powell, 2006) foca no lado positivo, no enriquecimento mútuo que existe entre a relação familiar e o trabalho, defendendo que, os papéis profissionais e familiares são aliados e se complementam, não são inimigos (Friedman & Greenhaus, 2000).

De acordo com Greenhaus & Powell (2006) este enriquecimento ocorre quando, gerenciando e ajustando recursos, experiências e demandas, de maneiras flexíveis, desempenhar múltiplos papéis pode oferecer aos indivíduos uma série de competências, como: habilidades, conhecimento, autoestima e rendimento. Essas capacidades têm o potencial de melhorar o bem-estar, o desempenho pessoal e profissional. Assim, esta teoria amplia a compreensão para essas relações e traz uma abordagem mais dinâmica, resultando em conseqüências positivas, como levar a um alto desempenho no trabalho e em casa, havendo um maior empenho em equilibrar as demandas do trabalho com as necessidades e responsabilidades familiares, melhorando o bem-estar dos indivíduos (Greenhaus & Powell, 2006; Perry-Jenkins, Repetti & Crouter, 2000).

As experiências psicológicas positivas em casa, a família pode ajudar e auxiliar na

redução dos problemas, tensões e estresses que são derivados do trabalho e vice-versa. Desta forma, com o diálogo, apoio e compreensão entre os membros familiares, podem descobrir que enfrentam problemas em comum, confrontando os desafios juntos e conseguindo fortalecer os laços familiares (Greenhaus & Powell, 2006; Barnett & Hyde, 2001; Ilies, Wilson, & Wagner, 2009). Os Resultados de recursos informam como a experiência de uma função pode influenciar positivamente a outra, surgindo atitudes positivas em relação à organização (Greenhaus & Powell, 2006; Shockley & Singla, 2011).

Greenhaus & Powell (2006) apresentam dois caminhos para explicar as relações trabalho-família: o instrumental e o afetivo. O caminho instrumental é a forma como um recurso, habilidade ou conhecimento pode ser transferido ou aplicado de uma situação para outra, resultando em um benefício ou melhoria no desempenho. Por exemplo, se alguém aprende alguma habilidade de gestão de tempo e organização no seu trabalho, ele pode aplicá-lo em sua casa, resultando em uma melhor organização pessoal, e um desempenho de habilidades domésticas. Já o caminho afetivo, significa que, quando um recurso ou experiência tem um impacto positivo em um determinado papel ou contexto, isto pode criar um efeito dominó que influencia positivamente outros papéis e contextos. Logo, se o indivíduo faz um projeto em seu trabalho e é reconhecido positivamente, isto pode aumentar sua motivação e satisfação, levando a um desempenho ainda maior em outras áreas da sua vida, como relacionamentos pessoais e lazer. Desta forma, experiências positivas impactam no papel atuante e ao mesmo tempo em outras áreas, criando um ciclo de benefícios mútuos (Greenhaus & Powell, 2006).

2.3 Empreendedorismo Feminino

O empreendedorismo sempre foi visto como um instrumento de longo prazo que impulsiona o desenvolvimento econômico dos países, gerando muitos empregos, trazendo novas tecnologias e modelos de negócios, principalmente para grupos menos favorecidos que possuem acesso limitado ao capital de investimento (Urbano et al., 2020; O’Leary, 2022). Para Uzunidis, Boutillier & Leperche (2014) o empreendedorismo apresenta duas dimensões, uma voltada para a inovação e outra para o autoemprego, sendo possível inovar, modernizar, criar novas combinações para impulsionar a economia, oferecendo uma alternativa para os/as pessoas saírem do desemprego por meio do estabelecimento de seus próprios negócios.

A temática de gênero no empreendedorismo surgiu na literatura no final do ano de 1970 (Vita, Mari, & Poggesi, 2014). Na Europa, no final do século XX começaram a surgir políticas para incentivar e defender o empreendedorismo. Devido à crise financeira em 2008, foi utilizado o termo “libertar o potencial empreendedor da Europa, para trazer de volta o crescimento”. No Plano de Ação Empreendedorismo 2013 da Comissão Europeia, foram descritas orientações para abrir novos horizontes, que chegam às mulheres, idosos, imigrantes, desempregados e aos jovens. Assim, capacitá-los econômica e socialmente, alavancar suas competências criativas e inovadoras e conseqüentemente abrir o caminho para o empreendedorismo (Comissão Europeia, 2013). No Brasil, o empreendedorismo feminino ganhou força quando foi criada a Comissão Nacional da Mulher Trabalhadora na Central Única dos Trabalhadores (CUT) no ano de 1980, precisamente com a criação da nova Constituição Federal de 1988, que passou a garantir igualdade jurídica para mulheres (Amorim & Batista, 2010).

Um impulsionador relevante para o empreendedorismo feminino comprovado por diversos estudos é a inclusão financeira, que traz inúmeros benefícios, como: resiliência para a família, melhoria do bem-estar feminino e um maior empoderamento econômico (Bruhn & Love, 2009; Bayero, 2015; Sakyi-Nyarko, 2022; Hendriks, 2019). Um dos grandes problemas encontrados está na falta de acesso à financiamentos e em suas redes de comunicação, ocorrendo desta forma, uma baixa procura por solicitações e aprovações de empréstimos, o que causa um grande obstáculo para criação e formalização de empreendimentos criados por mulheres (Aghion et al., 2007; Xheneti et al., 2019; Mader, 2016). Percebe-se que se houvessem maiores informações e maior acesso a estes serviços financeiros, as chances de mulheres se tornarem empreendedoras seriam maiores e conseqüentemente o sucesso empresarial também seria superior (Ajide, 2020; Goel&Madan, 2019; Bayero, 2015).

Segundo Pines et al. (2010) há uma maior chance de as mulheres serem empurradas ao empreendedorismo do que serem atraídas por ele, se comparado aos homens, isto porque o escolhem pela necessidade e não pela oportunidade de desenvolverem suas carreiras profissionais. O empreendedorismo surge como um suporte essencial, especialmente para mães atípicas, oferecendo uma solução para a pobreza. Possibilita a geração de renda, aumenta a autoeficácia, desenvolve competências, além de proporcionar orgulho, dignidade e capacidade de contribuir para suas famílias (Shatz et al., 2018 ; Sutter et al., 2019).

Hipótese 1: A intenção empreendedora é necessária para a autoeficácia das empreendedoras brasileiras mães de autistas.

2.3.1 Empreendedorismo Materno

O empreendedorismo materno é considerado um subgrupo do empreendedorismo feminino, estando diretamente ligado ao alcance da conciliação entre maternidade e empreendedorismo (Ekinsmyth, 2011; Ekinsmyth 2013). Negócios iniciados por empreendedores autônomos e que são motivados por fatores familiares, tem uma maior probabilidade de sobrevivência (Molina, 2020). As revisões realizadas por Minniti (2009), Parker (2009) e Storey & Greene (2010) corroboram com a ideia da conexão emocional e pessoal que os empreendedores têm com suas empresas, trazendo através delas, um futuro melhor para suas famílias, de modo que, a presença dos filhos está positivamente associada ao empreendedorismo.

Um desafio específico enfrentado pelo empreendedorismo materno é o conflito entre as responsabilidades familiares e o trabalho, sendo uma barreira comum na atividade empreendedora das mulheres, esta contrariedade surge por desempenharem o papel predominantemente cultural de cuidadoras da família (Bruni et al., 2004; Mathew, 2010; Sena et al., 2012). Presume-se, que as mulheres empreendedoras criam melhor os seus filhos, por terem mais liberdade, flexibilidade de horários, podendo acompanhar de perto sua evolução e desenvolvimento (Gottfried et al., 2002). Entretanto, por sofrerem uma pressão maior em equilibrar as demandas de trabalho-família, as mulheres empreendedoras que dedicam mais tempo aos seus negócios para tentar evitar uma possível crise e fracasso empresarial, sentem que negligenciam seu papel como mães e esposas, pois dedicam menos tempo e esforço às suas famílias, causando uma grande pressão e exigência pessoal (Kirkwood & Tootell, 2008; Cardon & Patel, 2015; Kollmann et al., 2018).

O rendimento familiar também é um fator importante a ser considerado para avaliar a intenção empreendedora das mulheres, em países em desenvolvimento, os homens possuem maior domínio e controle sobre a renda e finanças da família, ou seja, as mulheres possuem uma liberdade financeira reduzida e um poder de gasto limitado. Se o rendimento familiar for insuficiente para todos os membros, as mulheres podem buscar o empreendedorismo para suprir esta falta e sustentar suas famílias ou para obter uma renda extra (Akhter & Cheng, 2020; Bruce, 1999; Zhao et al., 2020).

As mulheres enfrentam uma batalha contínua para se tornarem empreendedoras, a luta pelo poder, âmbitos normativos, contextos sociais, emocionais e discursivos. Grandes expectativas sobre a sua (in)habilidade ou (in)competência (Heilman & Chen, 2003; Koutsou et al., 2003; Ragins & Winkel, 2011; Leffler, 2009). Segundo Karim et al. (2022), a influência da família desempenha um papel primordial para o empreendedorismo feminino, em graus variados. Para mulheres solteiras, o peso da opinião forte de sua família é altamente relevante, para as mulheres casadas a família do seu cônjuge, em especial a sogra, desempenha um papel central na estrutura de poder, desta forma sofrem uma pressão externa familiar, para desaprovação, fracasso, deflação e sabotagem. Mas, o apoio, suporte e incentivo, é primordial para a intenção e jornada empreendedora.

Hipótese 2: O equilíbrio entre a vida profissional e pessoal é necessário para a autoeficácia das empreendedoras brasileiras mães de autistas.

2.4 Autonomia de mães de autista e o empreendedorismo

Quando a maternidade surge na vida de uma mulher, seja de forma planejada ou não, os seus objetivos profissionais e pessoais são modificados de forma significativa. Cada decisão e ação passam a ser influenciadas e ponderadas tendo em vista o bem-estar dos filhos. Com diagnóstico de autismo, surge uma transformação na identidade materna e feminina: uma mãe de criança autista (Freitas & Gaudenzi, 2021).

De acordo com Aishworiya et al. (2012), o TEA é uma condição neurocomportamental, que possui um desenvolvimento complexo, acomete cerca de 1-2% da população. No Brasil, cerca de 1,5 milhões de pessoas tenha autismo e vem crescendo significativamente (Sukiennik et al., 2022). Um estudo realizado na Inglaterra revelou que uma em cada 57 crianças e jovens com idades 2 a 21 anos, são autistas (Roman-Urrestarazu et al., 2021). O autismo impacta em todos os aspetos da vida dos pais, na área familiar, social e em seus relacionamentos pessoais (Myers et al., 2009). Conforme destacado por Hoffman et al. (2009) o nível de estresse enfrentado pelos pais na criação de filhos autistas é significativamente superior em comparação com aqueles que têm filhos com outras formas de deficiência, como a síndrome de Down, por exemplo, e também em relação aos pais de crianças com desenvolvimento típico. Impactando em problemas psicológicos, emocionais e na qualidade de vida (Nuske et al., 2017). De acordo com um estudo realizado por Yorke et al. (2018) os desafios emocionais e comportamentais enfrentados pelos filhos são determinantes significativos para o nível de angústia e sofrimento psicológico dos pais. As mães de autistas, em especial, estão mais presentes

na literatura e tendem a relatar níveis de estresse mais elevados do que a média da população, destacando a importância destes fatores na dinâmica familiar (Hatta et al., 2018).

Um dos principais motivos para o elevado nível de estresse em mães atípicas é a falta de rede de apoio. Conhecida como “apoio social percebido”, a rede de apoio é de extrema importância, representa a percepção que o indivíduo tem sobre o suporte disponível para ele em sua rede social, reflete-se na sensação de ser cuidado e integrado a uma rede de apoio e assistência, este tipo de suporte pode vir de diferentes formas e tipos como: familiares, amigos, colegas de trabalho, grupos sociais e até de instituições especializadas (Taylor, 2011; Shepherd et al., 2020). Identificar este apoio é fundamental e traz inúmeros benefícios, aumenta a sensação de segurança, confiança e ocasiona uma maior autonomia para as mães, já que existe um suporte necessário em meio a tantas demandas e responsabilidades (Thoits, 2011; Drogomyretska et al., 2020).

Além da falta de rede de apoio, uma das principais dificuldades enfrentadas são os problemas financeiros para custear os elevados custos dos tratamentos. A ausência de políticas públicas adequadas resulta em longas filas de espera para tratamentos e na falta de serviços especializados, principalmente em países da América Latina, como o Brasil, Argentina, Chile, Uruguai, Venezuela e República Dominicana. Muitas mães acabam abandonando seus empregos ou reduzindo sua jornada de trabalho para conciliar a rotina e os cuidados especiais que uma criança com TEA necessita. Há também uma grande preocupação dos pais com a educação e aprendizagem das crianças com TEA, devido à falta de socialização e à maior dependência, em comparação com uma criança típica (Paula et al., 20220; Buescher et al., 2014; Järbrink & Knapp, 2001; Roddy & O’Neill, 2019; g Durkin et al., 2015).

Por estarem em constantes conflitos as mães atípicas que decidem empreender ou estão no processo tomar a decisão para empreender enfrentam um sentimento comum que afeta significativamente a tomada de decisões, o medo. Segundo Rogers (1983) o medo é um estado afetivo desagradável que surge pela percepção de ameaças, gerando sentimentos de ansiedade, insegurança e preocupação em atingir determinadas metas estabelecidas. Quando associado principalmente à falta de rede de apoio, mencionada anteriormente, o medo prejudica e reduz a criatividade e a motivação para iniciar e desenvolver negócios (Lazarus, 1991; Doern & Goss, 2014; Fodor & Pintea, 2017).

Hipótese 3: O medo do fracasso empreendedor é necessário para a autoeficácia das empreendedoras brasileiras mães de autistas.

Capítulo 3: Métodos e Materiais

Para atingir os objetivos do estudo foi escolhido o método Misto, este tipo de metodologia segue um processo de coleta, análise e integração dos dados quantitativos e qualitativos, buscando os pontos fortes de ambos. Esta abordagem proporciona uma compreensão mais rica e completa acerca do problema de pesquisa, em comparação com o uso isolado de cada abordagem metodológica. Permitindo, não só mensurar as barreiras enfrentadas pelas participantes, mas também compreender as experiências individuais que não podem ser capturadas apenas por dados numéricos (Creswell et al., 2011; Rosano & Michel, 2017). Além disso, a quantidade de respostas obtidas pelo questionário foi insuficiente para aprofundar a pesquisa, tornando-se necessário a realização de entrevistas para alcançar os resultados necessários.

A pesquisa se iniciou com um desenho exploratório sequencial, deste modo, primeiro inicia-se com fase quantitativa, seguida por uma etapa qualitativa para explorar e explicar os resultados encontrados (Creswell & Clark, 2018; Kumar, 2005). A fase quantitativa mediu a intenção empreendedora, o medo do fracasso empreendedor e o equilíbrio entre a vida profissional e pessoal sobre a autoeficácia das mães atípicas. A fase qualitativa buscou compreender as experiências com o autismo, o empreendedorismo materno e fatores de influência, como rede de apoio, resiliência e autoeficácia das mães atípicas empreendedoras ou de mães atípicas que desejam retornar ao mercado de trabalho convencional. A metodologia mista, permite integrar os resultados de ambas as análises, realizando uma triangulação de resultados, oferecendo *insights* profundos sobre os fenômenos estudados (Tashakkori & Teddlie, 2010; Fetters & Creswell, 2013).

3.1 Amostra e Recolha de dados

3.1.1 Amostra e Recolha de Dados – Questionário

Na fase quantitativa foi elaborado um questionário, realizou-se uma pesquisa nas seguintes bases de dados: *Scopus*, *Web of Science*, *Science Direct* e *B-on*. De acordo com

as escalas e variáveis escolhidas: Intenção empreendedora. (Chen & Linán, 2009); Medo do fracasso empreendedor (Cacciotti, Haytona, Mitchellb & Allend, 2020); Equilíbrio entre a vida profissional e pessoal (Carlson, Kacmar, Wayne & Grzywacz, 2006); Autoeficácia (Chen, Gully, & Eden, 2001). Um questionário fechado, on-line, através da plataforma *Google*, composto por 39 perguntas de múltipla escolha. Cada item foi medido por uma escala *Liker* de 5 pontos: concordo totalmente, concordo, nem concordo nem concordo, discordo e discordo totalmente. De acordo com Vilelas (2009), através do estudo quantitativo é possível transformar opiniões e informações em números, permitindo que, posteriormente, sejam classificadas e analisadas de forma clara e objetiva com tabelas e gráficos para validar as hipóteses do trabalho.

Definiu-se a população alvo do estudo para o Questionário: mães de autistas de qualquer idade e que sejam brasileiras. O link com as perguntas foi divulgado nas redes sociais, *Instagram, Facebook e WhatsApp*, nos grupos de mães atípicas, entre os meses de outubro de 2023 a julho de 2024. Os dados deste estudo foram coletados utilizando duas técnicas de amostragem: amostragem proposital e amostragem bola de neve. Inicialmente, foram selecionados amigas, colegas e familiares, próximas que já conhecia por serem mães atípicas, além de participantes encontradas nas redes sociais mencionadas acima. Essas mulheres, juntamente com amigos e familiares, compartilharam o link e a postagem em suas redes sociais indicando outras mulheres, criando um efeito “bola de neve” este processo continuou até que o prazo limite para o desenvolvimento e andamento da pesquisa fosse alcançado (Baltar & Brunet, 2012). Foram coletadas 100 respostas, mantendo-se a confidencialidade dos registros e informações preenchidas *on-line*. Dentre essas respostas, 25 mulheres responderam todas as perguntas do questionário, 55 deixaram alguma(s) resposta(s) em branco. Para esses casos, foi aplicado o método *missingvaules*, com base na média das respostas, desde que as respostas em branco não ultrapassassem o limite de 15 a 20% de respostas nulas. Foram excluídas 20 respostas que excederam o limite de 20% de respostas faltantes, resultando em 80 respostas válidas (Mislevy, 1991). Segue abaixo a Tabela 1 com um resumo da amostra quantitativa.

Tabela 1

Amostra Questionário

| Número de Respondentes | Porcentagem | Detalhes da Amostra |
|-------------------------------|--------------------|--------------------------------------|
| 50 | 51% | Possuem faixa etária de 35 a 44 anos |
| 24 | 24,7% | Possuem o próprio negócio |

| Número de Respondentes | Porcentagem | Detalhes da Amostra |
|-------------------------------|--------------------|--|
| 63 | 64,9% | São casadas ou têm união estável |
| 56 | 57,1% | Tem nível superior completo |
| 36 | 36,7% | Recebem algum auxílio ou benefício financeiro do governo |
| 31 | 31,6% | Possuem uma renda mensal de até 1 salário-mínimo |

Nota. Elaboração própria

3.1.2 Amostra e Recolha de Dados – Entrevista

Na etapa qualitativa, foram realizadas 10 entrevistas com mães de autistas, com um guião composto por 6 a 15 perguntas abertas. Segundo Patton (1990) é possível analisar resultados obtidos de casos individuais, disponibilizando informações mais detalhadas, ricas e úteis para o fenómeno observado. O guião de entrevistas foi realizado de forma semiestruturada, do tipo narrativo, dividido em tópicos, cujo principal objetivo foi recolher histórias detalhadas das participantes e suas experiências. Priorizando o relato individual, valorizando elementos internos como emoções, sentimentos e vivências pessoais. Observando atentamente cada experiência mencionada pelas participantes, é possível ter um entendimento mais abundante e minucioso do fenómeno estudado (Artioli et al., 2019).

Referente à etapa de recolha de dados para a entrevista, o critério de escolha para o público-alvo deu-se em: ser mãe de autista, ter tido alguma experiência como empreendedora ou ter atuado no mercado de trabalho, ter interesse em empreender ou retornar ao mercado de trabalho convencional. Para conduzir a participação das mães na entrevista, adotou-se três estágios. No estágio 1: no questionário aplicado na etapa quantitativa, foi incluído um campo de mensagem onde as mães puderam deixar, voluntariamente, seu telefone e e-mail caso desejassem compartilhar suas histórias e participar de uma entrevista. No estágio 2: foram enviadas mensagens via *Instagram*, em grupos de mães atípicas empreendedoras, convidando-as a participar da entrevista e contar suas experiências. Estágio 3: As entrevistas foram realizadas de forma *on-line*, através do aplicativo de mensagens *WhatsApp*, por áudios e mensagens escritas, conforme a disponibilidade e preferência das participantes.

Foram contactadas 22 mães de autistas no período de abril e maio de 2024. Destas, 8 não retornaram o contato para a entrevista, 2 foram entrevistadas, mas foram descartadas pois não tinham interesse em empreender e nunca tiveram nenhuma experiência com o empreendedorismo ou interesse em voltar ao mercado de trabalho.

Foram selecionadas 10 mães de autistas, 7 são mães atípicas empreendedoras, 2 já foram empreendedoras, mas desistiram de empreender devido às dificuldades em conciliar o empreendedorismo com a criação dos filhos, 1 mãe nunca empreendeu, mas deseja voltar ao mercado de trabalho convencional. Para a realização da entrevista, foi utilizada uma linguagem mais descontraída. As perguntas foram adaptadas de acordo com as respostas das mães, se eram empreendedoras ou não, ajustando-se à realidade ao longo da conversa. Para mães empreendedoras o guia continha 16 perguntas e para mães não empreendedoras 7 perguntas (Artioli et al., 2019; Patton, 1990). Segue abaixo a Tabela 2 que contém o desenho da investigação qualitativa, o guia das entrevistas encontra-se no Apêndice.

Tabela 2

Desenho da Pesquisa Qualitativa

| | Período de coleta das entrevistas | Notas no campo da pesquisa e observações | Contatos recolhidos | Contatos selecionados |
|---|--|--|--|---|
| Etapa 1: Pré-seleção voluntária para entrevistas | Outubro de 2023 a maio de 2024 | Convite para participação voluntária: - Se quiser compartilhar a sua história conosco, deixe seu contato (e-mail e/ou telefone) | 16 | 8 selecionados 6 entrevistadas 2 entrevistas descartadas |
| Etapa 2: Convite ativo em rede social para entrevista | Maio de 2024 | Convite para participação voluntária: -Você aceita participar de uma entrevista para compartilhar sua história de mãe atípica empreendedora? | 6 | 6 |
| Etapa 3: Entrevista Semiestruturada | Abril e maio de 2024 | Tópicos abordados para mães atípicas empreendedoras: -Apresentação - Maternidade e autismo; - Empreendedorismo -Primeiros passos entre maternidade e empreendedorismo -Desafios e superações; Aspectos positivos e aprendizados; -Conselhos e considerações finais Tópicos abordados para mães atípicas não empreendedoras: -Apresentação; - Maternidade e autismo; -Intenção profissional; -Intenção empreendedora -Conselhos e considerações finais. | 7 3 | 10 entrevistas realizadas: 7 são mães empreendedoras 2 já foram empreendedoras, mas desistiram no processo de criação de seus filhos autistas 1 mãe nunca empreendeu, mas deseja voltar ao mercado de trabalho |

Nota. Elaboração própria

Abaixo na Tabela 3 segue o perfil das entrevistadas considerando suas características profissionais e pessoais. Para melhor compreensão da tabela é necessário diferenciar os termos: filhos típicos, ou seja, pessoas consideradas dentro do padrão de tipicidade para a idade, incluindo aspectos físicos, cognitivos e comportamentais. Já filhos atípicos, referem-se a pessoas de desenvolvimento com condições específicas, por exemplo: TEA, síndromes genéticas, dificuldades intelectuais ou condições que demandam suporte adicional. Esta mesma lógica de definição serve para os termos: mães típicas e mães atípicas (Minetto et al., 2012).

Tabela 3

Perfil das Entrevistadas

| Entrevistadas | Idade | Situação profissional | Número de filhos |
|----------------------|--------------|---|--|
| Mãe 1 | 36 | Ex empreendedora, deseja voltar ao mercado de trabalho convencional | 1 filho atípico de 4 anos |
| Mãe 2 | 43 | Empreendedora no ramo de materiais pedagógicos para crianças atípicas | 2 filhos: 1 atípico de 10 anos 1 não atípico |
| Mãe 3 | 33 | Empreendedora no ramo de joalheria | 1 filho atípico de 11 anos |
| Mãe 4 | 39 | Empreendedora no ramo de costura | 1 filho atípico de 9 anos |
| Mãe 5 | 37 | Empreendedora no ramo de doceria | 1 filho atípico de 5 anos |
| Mãe 6 | 32 | Ex empreendedora, deseja voltar ao mercado de trabalho convencional | 1 filho atípico de 8 anos |
| Mãe 7 | 39 | Empreendedora no ramo de costura | 1 filho atípico de 8 anos |
| Mãe 8 | 42 | Empreendedora no ramo de costura | 1 filho atípico de 7 anos |

| | | | |
|--------|----|--------------------------------------|----------------------------|
| Mãe 9 | 36 | Empreendedora no ramo de doceria | 1 filho atípico de 4 anos |
| Mãe 10 | 35 | Deseja voltar ao mercado de trabalho | 1 filho atípico de 11 anos |

Nota. Elaboração própria

3.2 Métodos de Análise de Dados

3.2.1 Métodos de Análise de Dados – Questionário

Os dados quantitativos foram analisados por meio da Análise de Condição Necessária (NCA), sendo um método que analisa fenômenos a partir da perspectiva da necessidade, em vez de focar na probabilidade, permitindo identificar se uma variável é indispensável para que um determinado resultado seja alcançado. Para realizar este processo foi necessário codificar as respostas do questionário em números de 1 a 5, desta forma foi possível que o pacote NCA 4.4.1 em R. realizasse as análises e resultados necessários (Dul, 2016; Dul et al., 2023). A NCA foi utilizada para que fatores como, intenção empreendedora, equilíbrio entre trabalho-família, intenção empreendedora e o medo do fracasso são necessários para que as mães de autistas tenham autoeficácia e se sintam realizadas no empreendedorismo. Para garantir a confiabilidade e validade das ferramentas de medição utilizamos escalas estabelecidas em estudos internacionais.

A intenção empreendedora de Chen & Linán (2009) é um instrumento válido e confiável para medir o grau de intenção empreendedora das mães atípicas, levando em consideração as diferenças culturais das integrantes, através dela é possível medir os fatores de influência que podem estar facilitando ou inibindo o desejo de empreender. É baseada nos fundamentos da Teoria do comportamento planejado de Ajzen (1991). No questionário, foram selecionadas a Atitude Pessoal, com 5 itens e a Norma subjetiva com 4 itens.

Através da escala de medo do fracasso empreendedor dos autores Cacciotti, Haytona, Mitchellb & Allend (2020), é possível compreender que o medo do fracasso é uma barreira emocional e psicológica, que influencia as mães empreendedoras atípicas, este medo afeta principalmente nas decisões de iniciar, continuar ou desistir de seus negócios, de tal modo que pode influenciar veementemente suas motivações, comportamentos e ações empreendedoras. No questionário, foram aplicados 6 itens sobre esta variável.

Carlson et al. (2006) desenvolveram uma ferramenta para avaliar o equilíbrio entre a vida profissional e pessoal, com o objetivo de medir as percepções das mães empreendedoras atípicas sobre seu equilíbrio entre suas responsabilidades de trabalho e família, que por muitas vezes entram em conflito devido às suas grandes demandas e pressões diárias. Desta forma, podemos relacioná-la de forma eficaz com a base teórica da Teoria do enriquecimento trabalho e família (Greenhaus & Powell, 2006). O questionário inclui três categorias de itens: Trabalho para desenvolvimento da família, com 3 itens; Trabalho para capital familiar com 3 itens; e Eficiência da família para o trabalho com 3 itens.

Albert Bandura (1997) define autoeficácia como a capacidade de um indivíduo em sua capacidade de organizar e executar ações necessárias para atingir determinados objetivos, ou seja, suas próprias habilidades para lidar com tarefas específicas em contextos diversos. De modo que, traz uma grande influência na motivação, escolhas das atividades, no desempenho e na capacidade de resolver problemas das mães atípicas empreendedoras (Chen, Gully, & Eden, 2001). Esta escala foi baseada na teoria da autoeficácia de Albert Bandura (1997). A autoeficácia foi composta por 8 itens no questionário.

3.2.2 Análise das Condições Necessárias

A NCA identifica um espaço vazio (onde nenhum caso está presente), situado no canto superior esquerdo do gráfico de dispersão XY (figuras 1,2 e 3), esta zona em branco indica que há existência de uma condição necessária. A NCA desenha uma linha teto que separa a área com e sem casos, representando a impossibilidade de combinar X (0) e Y (1) atuando como combinação de contorno para a necessidade. Além disso, utilizou-se a função degrau CE-FDH (*Ceiling Envelopment- Free Disposal Hull*) que está representada pelas linhas pontilhadas de vermelho nas Figuras 1, 2 e 3, caracterizando uma linha linear decrescente e gradual e CR-FDH (*Ceiling Regression*) representada pelas linhas laranjas nas figuras, é uma linha de tendência através dos cantos superiores esquerdos da CE-FDH. A linha verde é representada pelo OLS (*Ordinary Least Squares*) representa a relação média esperada entre as variáveis (X) e (Y) (Dul, 2023). A Tabela 4 indica o sumário de parâmetros.

Tabela 4

Sumário de Parâmetros

| | IE-AF | MF-AF | EQ-AF |
|-----------------------|--------------|--------------|--------------|
| Número de Observações | 80 | 80 | 80 |
| Escopo | 5,0 | 10,0 | 4,4 |
| X _{mín} | 3,0 | 1,0 | 2,2 |
| X _{máx} | 5,0 | 5,0 | 5,0 |
| Y _{mín} | 2,5 | 2,5 | 2,5 |
| Y _{máx} | 5,0 | 5,0 | 5,0 |

Nota: Escopo = área empírica de possíveis combinações X e Y

Abaixo na Tabela 5, podemos observar os principais resultados da análise NCA. O parâmetro essencial para o NCA é o tamanho do efeito (d), ele é calculado pela zona de teto CE-FDH (zona total sem observações) dividido pela área total que pode conter observações, de acordo com os valores mínimos (0) e máximos (1) da condição e do resultado (escopo). Logo, se $0 < d < 1$, representa um efeito pequeno, $0,1 \leq d < 0,3$ tem um efeito médio, se $0,3 \leq d < 0,5$ é um efeito grande e $\geq 0,5$ significa um efeito muito grande (Dul, 2016; Dul et al., 2020). Como podemos observar na Tabela 5 o tamanho do efeito IE-AF (Intenção Empreendedora sobre a Autoeficácia) para CE-FDH é de 0.135, considerado um efeito médio, para CR-FDH é de 0.107, possuindo também um efeito médio. Já para o EQ-AF (Equilíbrio sobre a Autoeficácia) no CE-FDH o efeito foi de 0.166 considerado médio e o CR-FDH foi de 0.120 classificado também como médio. Já para o MF-AF (Medo do Fracasso sobre a Autoeficácia) para CE-FDH foi de 0.1750 tenho um efeito médio e para CF-FDH foi de 0.088 tendo um efeito considerado baixo. De acordo com a análise NCA pode-se verificar que todas as hipóteses (H1, H2 e H3) foram suportadas. Portanto, as três dimensões experienciais (Intenção Empreendedora, Equilíbrio e Medo do Fracasso) são necessárias para que as empreendedoras mães de autistas alcancem níveis elevados de autoeficácia. Com valores significativos de baixo a médio, respectivamente com alto nível de precisão. A precisão é expressa como uma porcentagem e informa o número de observações acima das linhas de teto, afirmando a confiabilidade dos dados e que estão devidamente ajustados para essa relação. Deste modo, é possível concluir que o Medo do fracasso empreendedor, possui um maior nível de necessidade sobre mães atípicas empreendedoras, se comparado com a intenção empreendedora, por exemplo, o MF possui 100% de precisão.

Tabela 5

Resumo da ANC para IE, EQ, MF e os Resultados AF

| | IE-AF | | EQ-AF | | MF-AF | |
|--------------------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|
| | CE-FDH | CR-FDH | CE-FDH | CR-FDH | CE-FDH | CR-FDH |
| Zona de Teto | 0.675 | 0.536 | 0.736 | 0.535 | 1.750 | 0.875 |
| Tamanho do Efeito | 0.135 | 0.107 | 0.166 | 0.120 | 0.175 | 0.088 |
| #Acima | 0 | 3 | 0 | 2 | 0 | 0 |
| C-Precisão | 100% | 96.2% | 100% | 97.5% | 100% | 100% |
| Ajustar | 100% | 79.5% | 100% | 72.6% | 100% | 50% |
| Declive | | 1.047 | | 1.062 | | 0.438 |
| Interceptar | | 0.800 | | 0.510 | | 3.687 |
| Abs. Ineficaz | 4.000 | 3.927 | 3.319 | 3.375 | 8.250 | 8.250 |
| Rel. Ineficaz | 80.000 | 78.544 | 74.688 | 75.937 | 82.500 | 82.500 |
| Condição Ineficaz | 50.000 | 49.382 | 43.750 | 43.566 | 50.000 | 50.000 |
| Resultado Ineficaz | 60.000 | 57.611 | 55.000 | 57.361 | 65.000 | 65.000 |

Nota: CE-FDH e CR-FDH são os coeficientes e indicam o tamanho do efeito para cada relação; Zona de Teto= representa a proporção máxima da AF, quanto maior mais as variáveis (IE, EQ e MF) são condições necessárias. Por exemplo, no caso do EQ-AF a zona de teto CE-FDH é de 0.736 indicando sua influência sobre a AF, já com o MF-AF a zona de teto é bem maior chegando em 1.750, demonstrando que a influência do MF é mais forte sobre a AF. Declive e Intercepto não são possíveis em relações lineares.

A análise do gargalo identifica os níveis de necessidade, sendo exclusivamente aplicada para condições necessárias não rejeitadas. A Tabela 6 mostra todas as relações estimadas entre as três condições, desse modo é possível verificar quais níveis da IE, MF e EQ são necessários para a AF, sendo também uma maneira para interpretar a linha do teto. Observando os resultados da Intenção Empreendedora (IE) nenhum valor mínimo é necessário até que a Autoeficácia atinja 60%, indicando que a IE se torna relevante em níveis mais altos de AF. Quanto ao Medo do fracasso empreendedor, quando a Autoeficácia atinge 70% de é necessário que o MF tenha um efeito de pelo menos 7.1% para contribuir de forma significativa. Desta forma, à medida que a Autoeficácia aumenta o Medo do Fracasso empreendedor precisa ser mais controlado para sustentar o desempenho das mães atípicas empreendedoras. Verifica-se que, o equilíbrio entre

trabalho-família o gargalo aparece a partir de 60% de Autoeficácia, sendo necessário que o EQ esteja em pelo menos 3.5 % para que a relação seja efetiva. Indicando que, um equilíbrio entre as demandas de trabalho-família é essencial para níveis intermediários a altos de autoeficácia.

Tabela 6

Análise de Gargalos para Autoeficácia

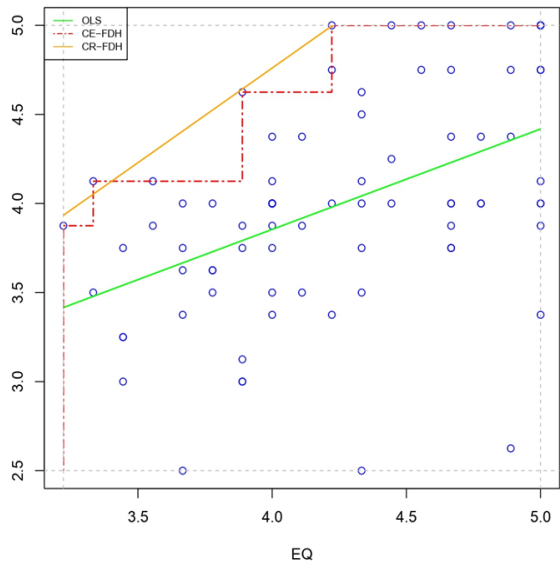
| | CE-FDH: AF | CR-FDH: AF | CE-FDH: AF | CR-FDH: AF | CE-FDH: AF | CR-FDH: AF |
|--------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|
| Percentagem | IE | IE | MF | MF | EQ | EQ |
| 0 | NN | NN | NN | NN | NN | NN |
| 10 | NN | NN | NN | NN | NN | NN |
| 20 | NN | NN | NN | NN | NN | NN |
| 30 | NN | NN | NN | NN | NN | NN |
| 40 | NN | NN | NN | NN | NN | NN |
| 50 | NN | NN | NN | NN | NN | NN |
| 60 | NN | 2.9 | NN | NN | 6.2 | 3.5 |
| 70 | 25.0 | 14.8 | 50.0 | 7.1 | 37.5 | 16.7 |
| 80 | 25.0 | 26.7 | 50.0 | 21.4 | 37.5 | 30.0 |
| 90 | 50.0 | 38.7 | 50.0 | 35.7 | 56.2 | 43.2 |
| 100 | 50.0 | 50.6 | 50.0 | 50.0 | 56.2 | 56.4 |

Notas. NN= nenhum valor necessário; Percentagem = o nível de resultados atingidos pela AF de 0 a 100%

Abaixo, consideramos os gráficos de dispersão representado pelas Figuras, 1, 2 e 3. É possível verificar nestas figuras as condições de contorno para a necessidade exibida como função degrau CE-FDH (envoltório de teto – casco de descarte livre) (em vermelho). A CR-FDH (regressão de teto - casco de descarte livre) de linha reta (em laranja) é uma aproximação de teto que suaviza a função degrau, sendo a regressão OLS através dos cantos superiores esquerdos da função degrau. Finalmente, mostramos a linha de regressão OLS (em verde). A necessidade é dada se houver espaço acima de CE-FDH (espaço acima da linha pontilhada vermelha).

Figura 1
Gráfico de Dispersão EQ-AF

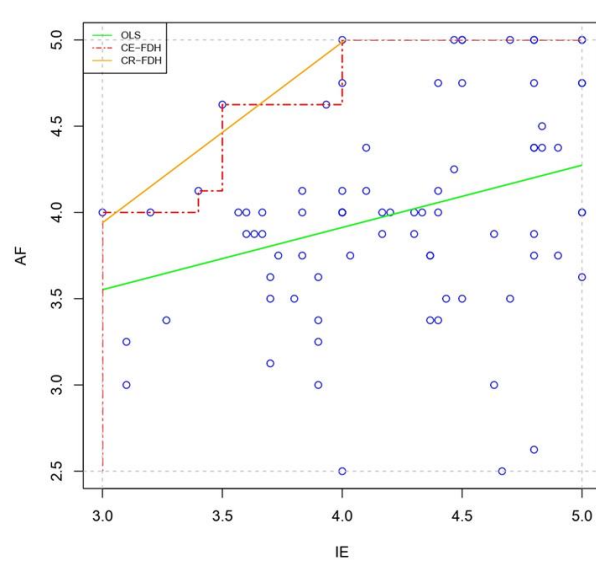
NCA Plot : EQ – AF



Notas. Este é o caso do Equilíbrio trabalho-família sobre a Autoeficácia.

Figura 2
Gráfico de Dispersão IE-AF

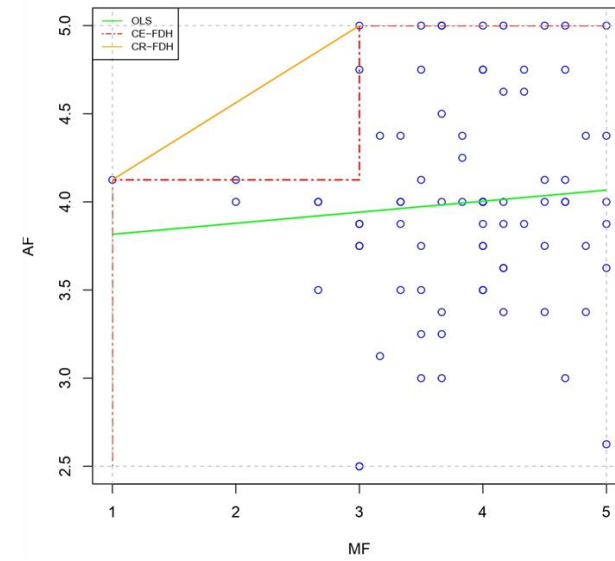
NCA Plot : IE – AF



Notas. Este é o caso da Intenção Empreendedora sobre a Autoeficácia.

Figura 1
Gráfico de Dispersão MF-AF

NCA Plot : MF – AF



Nota. Este é o caso do Medo do fracasso empreendedor sobre a Autoeficácia.

A partir das figuras acima, é possível observar que o gráfico de dispersão apresenta um espaço vazio no canto superior esquerdo. Esse vazio pode ser explicado devido a formulação da hipótese da necessidade da pesquisa, definida como: “X é necessário para a presença de Y”. Como a presença de Y depende da ocorrência de X, é justificável que não haja pontos no lado esquerdo, reafirmando a natureza condicional das relações entre as variáveis. Além disso, os gráficos permitem identificar uma delimitação funcional entre o espaço vazio e o cheio, evidenciando a existência de uma “linha de teto” (*cellingline*) que pode ser linear e não linear (CE). No entanto, identificamos a presença de alguns *outliers* no gráfico, que correspondem a casos que estão acima da linha de teto, sugerindo a superação de combinações teóricas possíveis, o que pode indicar anomalias, exceções ou cenários que fogem do comportamento esperado. Na linha CR-FDH (laranja) verificamos que, para a variável IE houve 3 *outliers* enquanto, para o EQ foram observados 2 *outliers*, já para o MF não houve nenhum *outlier*. Estes resultados são constatados também na Tabela 5, especificamente no parâmetro #Acima, que indica o número de observações fora do limite esperado. Deste modo, podemos concluir que, A intenção empreendedora e o Equilíbrio demonstram exceções que fogem do padrão da amostra, diferente do Medo do Fracasso, que não foram identificados *outliers*, indicando conformidade com as previsões teóricas da amostra. O padrão esperado foi seguido em todos os casos analisados (Dul, 2021; Dul, 2023). Deste modo, podemos afirmar que as hipóteses foram suportadas pelos resultados, apesar de baixo a moderado, os efeitos são necessários para a autoeficácia.

3.2.3 Métodos de Análise de Dados – Entrevistas

Para a análise de dados qualitativos obtidos nas entrevistas, utilizou-se o protocolo de análise temática de Braun & Clarke (2006), através desta metodologia foi possível analisar, identificar e reportar padrões e temas dentro dos dados qualitativos. A análise foi conduzida em seis etapas, destacando-se a fase dois, de geração de códigos iniciais, como especialmente relevante. Foi neste estágio que as entrevistas começaram a ser organizadas de maneira objetiva e clara, permitindo a separação dos temas alinhando-os aos objetivos da pesquisa e aos principais tópicos discutidos pelas mães. Por fim, o relatório elaborado na última etapa, com base nos dados analisados trouxe maior clareza e percepção, facilitando a compreensão e análise dos resultados. As fases e processos detalhados da análise de dados encontram-se abaixo na Tabela 7.

Tabela 7

Fases da Análise Temática

| Fases | Descrição dos processos |
|----------------------------------|---|
| 1- Familiarização com os dados | -Transcrição dos dados - Leitura e releitura para familiarização com o contexto - Observação de ideias e padrões |
| 2- Geração de códigos iniciais | - Codificação de temas correspondentes aos principais elementos encontrados na pesquisa e que foram mais discutidos na entrevista. |
| 3- Busca por temas | - Junção dos códigos em temas mais amplos reunindo todos os dados relevantes para cada tema. |
| 4 - Revisão de temas | -Avaliação da consistência e adequação dos temas em dois níveis: - Nível 1: verificação dos trechos estão com os códigos corretos e se são funcionais. -Nível 2: mais amplo avaliando o conjunto de dados como um todo, numa perspectiva geral. |
| 5- Definição e nomeação de temas | - Análise contínua de cada tema com o objetivo de refinar cada uma de suas especificidades - Nomeações claras de cada tema de acordo com seu conteúdo claro e significativo |
| 6- Produção do relatório | - Relatório final que comunique e convença de acordo com os exemplos relatados - Relação de como cada tema se relaciona com os objetivos, questões da pesquisa e a literatura. |

Nota. Adaptado de Braun & Clarke (2006, p. 87).

Na Tabela 8, são apresentados os códigos identificados nas entrevistas, juntamente com os principais trechos das falas das mães entrevistadas. Essa tabela foi elaborada a partir das falas das participantes, destacando os temas mais recorrentes e relevantes que surgiram durante as entrevistas. Os códigos foram organizados em três dimensões principais: experiência com autismo, empreendedorismo materno e fatores de influência. Em seguida, os tópicos e subtópicos de segunda e primeira ordem, detalham por exemplo, os principais desafios, motivações e estratégias adotadas pelas mães de autistas em sua jornada profissional e pessoal.

Tabela 8

Relação de Códigos com Trechos das Entrevistadas

| Dimensão | Segunda ordem | Primeira ordem | Trechos |
|-------------------------------------|---------------------------------|-----------------------------------|---|
| Experiência com Autismo | <i>Processo de diagnóstico</i> | Identificação de sinais | "Ele andou e falou com 11 meses, do dia para noite perdeu suas habilidades, quando ele fez 1 ano, regrediu bastante, parou de falar, fui pesquisar o porquê ele parou de falar [...] Mas lá no fundo eu sabia que ele era autista. Coração de mãe não se engana." (M1) |
| | | Buca por avaliação médica | "Eu o levei ao médico, o médico dizia que não tinha nada que quando ele estivesse crescendo ele iria dormir melhor[...]O médico disse: vamos observar para ver se ele pode ter algo a mais, mas ele não dizia o que era. E quando o tempo foi passando, eu fui levando-o e eu questionava: doutor, ele não parou de chorar. Ele disse: olha vamos fazer o teste com seu filho de autismo [...]" (M10) |
| | | Confirmação do Diagnóstico | " O diagnóstico me deu um norte do que fazer e me trouxe explicações para muitos comportamentos dele." (M4) |
| | <i>Impacto Emocional</i> | Choque inicial | " O mundo parecia estar saindo de órbita, nossos sonhos e planos foram abalados. Nossa vida mudou bastante, tudo mudou, nossa rotina, nosso dia a dia, nossos sonhos." (M2) |
| | | Luto e Aceitação | "No começo foi um luto, luto dos sonhos que nós pais temos para nossos filhos." (M3) |
| | | Adaptação à nova realidade | "Aprendemos a explorar um mundo novo, a nos conformarmos com páginas em branco que vão sendo pintadas dia após dia." (M2) |
| | <i>Desafios na Criação</i> | Manejo Comportamental | "Eu sempre era chamada na escola, ele era muito agressivo, agressivo demais[...]"(M10) |
| | | Comunicação | "O maior desafio na criação dele é a comunicação, pois nem sempre conseguimos entender o que ele quer ou o que está sentindo." (M9) |
| | | Socialização | "Ele não tem inteligência emocional e social. Então não adianta ele ser muito inteligente se lá na frente ele não conseguir se relacionar com as pessoas [...]" (M7) |
| | Empreendedorismo Materno | <i>Motivações para empreender</i> | Flexibilidade de horários |
| Necessidade financeira | | | "E ajudar a pagar as contas, uma vez que não consigo trabalhar com um trabalho tradicional, justamente por não ter flexibilidade de horários para acompanhá-lo."(M2) |
| Realização pessoal | | | "Trabalhar com o que eu gosto, me traz uma realização pessoal e me sinto útil, pois acabamos vivendo muito em prol dos nossos filhos, nos cobramos muito como mães, então ter uma profissão, algo que a gente trabalhe e tenha a nossa renda, isso de certa forma ocupa nossa mente, nosso tempo, e nos sentimos úteis, isso é muito bom e favorece toda a nossa família." (M2) |
| <i>Desafios do empreendedorismo</i> | | Gestão do tempo | " Essa é a parte mais difícil e cansativa. Gestão de tempo para conseguir atender as demandas da criança e se dedicar ao trabalho que também exige muito. Então o maior desafio é gerenciar o tempo [...]" (M9) |
| | | Equilíbrio trabalho-família | "Atualmente eu trabalho apenas com encomendas, então isso já me ajuda a planejar o tempo de produção e entrega dos pedidos. Pois só consigo fazer no período da tarde, enquanto ele está na escola. Então fico oscilando nas duas funções, e assim vou dando conta, quando tem uma festa maior, peço para o meu marido ficar com meu filho, ou deixamos ele com minha sogra ou minha mãe, quando não conseguimos ficar com ele aqui em casa para os dois trabalharem." (M9) |

| Dimensão | Segunda ordem | Primeira ordem | Trechos |
|-----------------------|----------------------------|---|---|
| Fatores de Influência | Estratégias empreendedoras | Limitações financeiras | "Sem dúvida é a parte financeira. Como conseguir lidar, ter o dinheiro suficiente para poder pagar as terapias e todo o acompanhamento que se faz necessário para ele. Com certeza a maternidade atípica acaba sendo uma questão muito mais fácil, quando se tem condições financeiras. Não estou dizendo que ter dinheiro resolve tudo, não resolve, mas com certeza quem tem dinheiro não têm os mesmos desafios que uma pessoa com menos condições[...]se você for fazer tudo o que deveria fazer, todas as terapias, todos os estímulos e todas as coisas que você precisa fazer. Você precisa de recursos financeiros e recursos de tempo." (M7) |
| | | Planejamento e organização | "Eu tenho um <i>Planner</i> que eu ponho na minha geladeira, onde eu coloco as tarefas mais importantes, como os médicos, meus cursos, compromissos. Vou equilibrando a partir dessas demandas que têm em particular com o meu dia a dia de costura[...] (M7) |
| | | Adaptação do negócio as necessidades familiares | "Comecei criando materiais pedagógicos, através de conversas e contatos com os terapeutas do meu filho, para fazer em casa e estimulá-lo[...] Eu não faço um marketing muito pesado, vou atuando de acordo com as demandas que vão surgindo das próprias indicações, para que eu possa, nesse tempo dar conta e a prioridade sempre acaba sendo as demandas das crianças também." (M2) |
| | Rede de apoio | Busca por capacitação | "Fiz vários cursos e especializações no decorrer dos anos [...] Por isso estou me aperfeiçoando também para agregar valor [...] fazendo cursos, graduação [...] Mas para poder melhorar a empresa, e alcançar outros degraus eu preciso investir bem mais tempo também, para que eu possa alcançar um retorno e dar conta do mercado." (M2) |
| | | Suporte familiar | "Não tenho ajuda e me vejo sobrecarregada... o fato de não conseguir fazer um curso é saber que não posso contar com ninguém para ficar com ele." (M6) |
| | | Apoio de amigos e comunidade | "Recebi apoio das pessoas que eu conhecia, dos clientes, que gostavam do meu trabalho, me incentivaram a vender mais coisas." (M3) |
| | Aspectos psicológicos | Acesso a serviços de saúde e educação | "Os desafios são muitos, por exemplo a falta de terapias nos municípios, medicação, fralda fornecida pelo sus que sempre estão em falta."(M1) "A minha maior briga foi com o convênio, que não queria que ele fizesse as terapias em Guarulhos e ir pra São Paulo toda semana, ficava inviável." (M8) |
| | | Autoeficácia | "O fato de eu empreender no meu próprio negócio faz parte de propósitos[...]é muito importante não é simplesmente empreender por empreender, é seguir propósitos, sonhos, focados naquilo que eu amo, isso é excelente. Além de auxiliar o meu filho eu posso auxiliar várias famílias, e ao mesmo tempo também é muito bom coordenar o meu tempo." (M2) |
| | | Resiliência | "Não desistam do futuro dos seus filhos, eles ainda podem alcançar muitas coisas se tiver as ferramentas necessárias hoje, e não desistam de vocês (mães) fora o seu diagnóstico de mãe atípica, existe uma mulher ainda com muitas possibilidades." (M6) |
| | Contexto socioeconômicos | Medo do fracasso | "Eu não sei como vai ser quando esse negócio crescer se isso vai ser um problema lá na frente[...] Sendo muito franca com você. Eu tenho uma <i>Deadline</i> para isso dar certo. Se não der certo, talvez eu tenha que voltar para o corporativismo, que é uma coisa que me apavora, mas que talvez seja uma realidade que eu vou ter que enfrentar e tentar [...] (M7) |
| | | Políticas públicas | Infelizmente não há incentivos e políticas públicas suficientes para atender a população de baixa renda, não existe um apoio. Aqui no Brasil o LOAS (Lei Orgânica de Assistência Social) é um salário-mínimo, mas isso é ínfimo, pensando nas despesas, só para você ter ideia, o custo de ter o meu filho fazendo um forno e uma terapia por mês, para mim é quase R\$4.000,00. Claro que parte disso eu consigo, um reembolso de convênio, mas é um grande investimento [...] (M7) |
| | | Normas culturais e de gênero | "Eu descobri que existia um programa dentro da prefeitura de São Paulo para mulheres artesãs, independentemente de ser mãe ou não, me cadastrei nesse projeto para poder participar de feiras." (M7) Mãe 7: "As empresas, não estão preparadas para as mães, enquadrar as necessidades, se ajustar às necessidades das mães [...] Quando você vai falar de mães atípicas, acho que o quadro ainda fica mais complicado [...] Minha carreira entrou em ascensão e tive pouco aumento salarial. Eu sempre fui colocada no final de uma fila: pelo menos você está empregada! Era esse o sentimento. Eu fiquei de 2013 até 2023 sem ter nenhum aumento salarial, o que não é normal, visto que, eu era uma profissional que tinha alta performance [...] em consideração a questão de gênero. De ser sempre a mulher. Então, por exemplo, você achou uma rede de mães atípicas, existe uma rede de pais atípicos? É uma carga, uma sobrecarga que cai sempre para as mulheres, então tem a ver com o gênero e isso se estende para o corporativismo, porque é muito mais fácil ter um homem empregado do que uma mulher." |

Capítulo 4: Resultados

4.1 Resultados da Análise de Condições Necessárias

De acordo com a análise NCA pode-se verificar que todas as hipóteses (H1, H2 e H3) foram suportadas. Portanto, a IE, o MF e o EQ são todas condições necessárias para que as empreendedoras mães de autistas alcancem níveis elevados de autoeficácia. Dentre elas, destaca-se o medo do fracasso empreendedor, que demonstrou maior nível de necessidade. Desta forma, podemos afirmar que, controlar o MF é crucial para que as mães se sintam mais eficazes, aumentando a crença em sua capacidade de realizar e gerenciar com sucesso seus empreendimentos. Embora a Intenção empreendedora e o Equilíbrio entre trabalho e família sejam moderadamente necessários, estes não podem ser desconsiderados no contexto de empreendedorismo dessas mães. Destaca-se ainda, que embora sejam condições necessárias, não são condições suficientes para a autoeficácia as empreendedoras mães de autistas no contexto brasileiro.

4.2 Resultados da Análise Temática

De acordo com as entrevistas realizadas e a literatura explorada na pesquisa, destacamos os resultados em 5 sessões: primeiro, o impacto emocional do diagnóstico e a resiliência desenvolvida pelas mães de autistas; em segundo lugar, como o empreendedorismo traz flexibilidade, autonomia e se torna uma necessidade para as mães atípicas; terceiro, a ausência de rede de apoio é um dos principais desafios enfrentados pelas mães atípicas; quarto, os desafios financeiros e limitação de recursos impactam significativamente as mães de autistas; e por fim, em quinto lugar como as mães de autistas equilibram os conflitos entre trabalho-família e gestão do tempo.

4.2.1 O impacto emocional do diagnóstico e a resiliência desenvolvida pelas mães de autistas (empreendedorismo superando o luto)

Conforme discutido por Freitas & Gaudenzi (2021) o diagnóstico de autismo gera uma transformação profunda nas mães, alterando sua identidade, representando uma mudança significativa das suas expectativas e sonhos para o futuro, deste modo, é como se elas nascessem de novo. Podemos observar um dos trechos do relato da mãe 5 ao receber o diagnóstico: "Digo que Deus levou meu menino e me deu outro, ali nascia uma mãe de filho atípico."

Há relatos que descrevem o impacto emocional como uma espécie de luto ao descobrirem a condição neurocomportamental de seus filhos. Os sonhos e a visão idealizada para o futuro anteriormente construídos para a criança são repensados, como foi o caso de duas mães entrevistadas (mãe, 1, 3 e 5) relataram francamente que sentiram como um choque, como se o mundo estivesse saindo fora de órbita.

Embora algumas mães tenham sentido esse choque, outras já tinham uma percepção prévia das diferenças de suas crianças, no íntimo já sentiam que seus filhos eram diferentes de outras crianças. No entanto, sentiram um alívio ao confirmar que suas impressões estavam corretas, provando que não era fruto de sua imaginação, como muitas haviam escutado de seus familiares. A mãe 6 desabafou: "Foi um misto de tristeza (pela confirmação) e alívio (pois podia provar a todos que eu não era louca e nem estava procurando problema para o meu filho) ele era diferente sim, e eu pude afirmar a todos que duvidaram de mim, inclusive meu esposo." A mãe 10 relatou: "A princípio, eu não me desesperei, não sei nem a palavra certa, mas eu não fiquei surpresa. Como eu vejo muitas mães hoje choram, se desesperam. Fiquei assim porque eu já imaginava que ele tinha algo." Esse alívio descrito em alguns depoimentos, era uma validação de que as preocupações não eram infundadas, mas sim um reflexo de uma percepção correta da situação.

Entretanto, a literatura explora como o empreendedorismo ajuda essas mães a superarem os impactos emocionais desenvolvendo resiliência. As mães 3 e 6 destacam que fora do diagnóstico de mãe atípica, existe uma mulher ainda com muitas possibilidades, mesmo que no começo não pareça tão fácil, mas é a melhor forma de estar perto dos filhos e ganhar uma renda extra. Podemos destacar esse conselho que a mãe 4 orientou: "Tenha paciência, planeje com calma, invista em algo que você realmente goste de fazer e que te dê retorno financeiro, estude, o SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Microempresas) oferece vários cursos ótimos e gratuitos [...]"

Deste modo, muitas mães encontram forças no empreendedorismo, evidenciando como ele se torna um meio de adaptação à nova realidade (Sakyi-Nyarko, 2022). Por exemplo, a mãe 2 viu em seu processo difícil uma oportunidade de negócio e descreveu: "Nossas expectativas de futuro mudaram, aprendemos a explorar um mundo novo [...] Com a necessidade de estimular meu filho comecei criando materiais pedagógicos, através de conversas e contatos com os terapeutas do meu filho, para fazer em casa e estimulá-lo [...]"

Então decidi criar uma empresa que ajude meu filho com materiais e outras crianças e mães que também passam pelo mesmo.”

4.2.2 Como o empreendedorismo traz flexibilidade, autonomia e se torna uma necessidade para as mães atípicas (motivações empreendedoras)

De acordo com Naser (2012) e Fernandez (2014) uma das principais motivações para o empreendedorismo feminino está relacionada à necessidade de conciliar as demandas familiares com as profissionais. A flexibilidade de horários é um fator determinante, especialmente em contextos que exigem maior atenção aos cuidados da criança, permitindo uma gestão mais equilibrada entre o trabalho e as responsabilidades familiares. Todas as mães empreendedoras entrevistadas mencionaram a flexibilidade e autonomia como uma das principais motivações para empreender. Assim, o empreendedorismo torna-se uma solução atraente para que elas possam alcançar esse equilíbrio. A Mãe 2 destacou suas motivações empreendedoras: “O que me motivou a ser empreendedora foi o fato de conseguir ter flexibilidade de horário para acompanhar o crescimento e evolução dele, acompanhar a rotina dele, que, por ser atípico, é uma rotina diferente, mais difícil [...] Muito bom coordenar o meu tempo, meu horário de trabalhos, minhas entregas, temos essa liberdade de coordenar melhor o tempo, quando se trabalha para você.”

Além disso, o empreendedorismo para mães atípicas em muitos casos não é visto como uma escolha intencional, mas um caminho que surgiu por necessidade. A mãe 7 retrata: “O empreendedorismo foi um caminho que apareceu. Não sei se eu posso dizer que foi uma escolha. Cada vez estava ficando mais difícil equilibrar todos os pratos, de conseguir ser mãe e todas as demandas que eu tenho em relação à saúde do meu filho, os horários, para poder ter um equilíbrio e uma qualidade de vida melhor. Foi aí que eu comecei essa empreitada mesmo.” Seis das sete mães empreendedoras relataram que tiveram que abandonar sua carreira no corporativismo por ser inviável conciliar com a rotina de uma criança atípica. Segundo Pines et al. (2010) isso ocorre porque, em comparação aos homens, as mulheres têm mais chances de serem impulsionadas ao empreendedorismo por necessidade, e não atraídas por ele. Escolhendo como uma solução para as circunstâncias, em vez de uma oportunidade para desenvolverem suas carreiras profissionais.

Além de ser também uma questão de gênero, é uma questão cultural pois de acordo com Fitzsimmons et al. (2014), na maioria das culturas ao redor do mundo a mulher atua como principal cuidadora da família. "O cuidador que sempre acaba sobrecarregado, é a mãe. São raros os casos que eu conheço de mães de autistas ou de crianças com deficiência que o pai assumiu esse papel de cuidador. A taxa de divórcio é muito, muito grande nesses casos. E mesmo quando não é divorciada, acaba sobrecarregando a mãe. Quando você vai ao consultório, é sempre a mãe que está junto não é o pai [...] Os quadros de saúde mental de mães atípicas é algo que tem que ser olhado com muito carinho, porque a gente acaba ficando doente de ter que aguentar toda essa pressão, falta de acolhimento das pessoas e entendimento das pessoas[...] As empresas, não estão preparadas para as mães, enquadrar as necessidades, se ajustar às necessidades das mães [...] Quando você vai falar de mães atípicas, acho que o quadro ainda fica mais complicado [...] Minha carreira entrou em ascensão e tive pouco aumento salarial. Eu sempre fui colocada no final de uma fila: pelo menos você está empregada! Era esse o sentimento. Eu fiquei de 2013 até 2023 sem ter nenhum aumento salarial, o que não é normal, visto que, eu era uma profissional que tinha alta performance [...] em consideração a questão de gênero. De ser sempre a mulher. Então, por exemplo, você achou uma rede de mães atípicas, existe uma rede de pais atípicos? É uma carga, uma sobrecarga que cai sempre para as mulheres, então tem a ver com o gênero e isso se estende para o corporativismo, porque é muito mais fácil ter um homem empregado do que uma mulher." Este desabafo impactante da mãe 7, reflete de maneira ampla os desafios enfrentados por mães atípicas, exclusivamente por serem mulheres.

4.2.3 Ausência de rede de apoio é um dos principais desafios enfrentados pelas mães atípicas (importância da rede de apoio)

O nível de estresse e sofrimento psicológico de mães de autistas é maior do que a média de pais de crianças que possuem outro tipo de condição. Uma das causas que agravam esses desafios é a ausência de rede de apoio (Hoffman et al., 2009; Hatta et al., 2018). Cinco mães relataram não ter rede de apoio no processo de criação e desenvolvimento de seus filhos, se sentindo sobrecarregadas, sem suporte para se profissionalizar, contando apenas com apoio moral. A mãe 3 se preocupa: "Eu não tenho rede de apoio. Me encontro sozinha em uma situação dessas, esse sempre foi o meu maior desafio, para mim mãe em saber que aquela criança só tem a mim." Além disso, a mãe 1 relatou que um dos principais motivos de ter desistido do empreendedorismo foi pela falta de rede de apoio e não encontrar assistência para voltar com seu antigo sonho, até para fazer as entregas de sua loja infantil online era difícil, porque não tinha ninguém que a ajudasse. Existem casos que tem uma rede de apoio parcial, onde não é possível contar sempre

com a ajuda, pois as limitações de tempo e compromissos de terceiros podem dificultar o acesso constante a esse suporte.

Por outro lado, a presença de uma rede de apoio oferece benefícios significativos, contribui para aumentar a sensação de segurança e confiança das mães, promovendo uma maior autonomia. Com o suporte necessário, as mães podem gerir melhor suas atividades e enfrentar os obstáculos com mais equilíbrio (Thoits, 2011; Drogomyretska et al., 2020). O apoio familiar, por exemplo, é essencial para a mãe 8 em dias corridos: “Eu tenho uma super rede de apoio, meus pais moram perto de mim, minha sogra, meu esposo [...] Quando estamos os dois muito ocupados, temos a quem recorrer. Mas eu não sei se conseguiria sem essa rede de apoio não.” O empreendimento da mãe 2 conta com o apoio direto de sua mãe e irmã para o funcionamento ativo na linha de produção da empresa.

4.2.4 Os desafios financeiros e limitação de recursos impactam significativamente as mães de autistas

Além de proporcionar autonomia e flexibilidade, o empreendedorismo contribui para o aumento de recursos financeiros, funcionando como uma fonte de renda extra para ajudar a cobrir os altos custos de tratamentos e terapias de uma criança atípica, esta vantagem é destacada por duas mães entrevistadas (mãe 3 e 4) (Shatz et al., 2018 ; Sutter et al., 2019). A mãe 6, que desistiu de empreender devido aos desafios em conciliar as demandas com as necessidades do seu filho, demonstra interesse em voltar a empreender para garantir uma renda. Por passar por um momento financeiro difícil, a mãe 8 contou que graças ao empreendedorismo conseguiu se manter: "Quando meu esposo ficou desempregado, era eu que arcava com todas as contas e despesas da casa, eu era a única fonte de renda em casa."

Todas as mães entrevistadas ressaltaram a importância dos recursos financeiros em suas vidas, tanto como motivação para empreender e complementar a renda, quanto como um dos principais desafios enfrentados, devido à falta de políticas públicas adequadas para auxiliarem no tratamento dos seus filhos, aumentando a pressão sobre as famílias para gerar mais recursos financeiros. "Temos vários desafios, mas um dos maiores é a rentabilidade, o sustento da família, hoje é uma renda que eu tenho, mas para sustentar a família teria que me dedicar mais ao trabalho" (Mãe 2). A Mãe 3 relata como a falta de recursos influencia negativamente o tratamento do seu filho: "A falta de recursos financeiros para colocar ele numa terapia e sair da fila do SUS (Sistema Único de Saúde)." A mãe 7 compartilha seus principais desafios e medos relacionados à

questão financeira que impactam significativamente seu negócio e tratamento de seu filho atípico: "Sem dúvida é a parte financeira. Como conseguir ter o dinheiro suficiente para poder pagar as terapias e todo o acompanhamento que se faz necessário para ele [...] se você for fazer tudo o que deveria fazer, é todas as terapias, todos os estímulos e todas as coisas que você precisa fazer. Você precisa de recursos financeiros e recursos de tempo[...] eu conto com o apoio do meu marido, que não é pai do meu filho, para suportar esse momento, esse momento inicial, do meu empreendedorismo de conseguir segurar as contas aqui de casa e ver se isso vai dar certo. E aí sendo muito franca com você, eu tenho uma *Deadline* para isso dar certo. Se não der certo, talvez eu tenha que voltar para o corporativismo, que é uma coisa que me apavora, mas que talvez seja uma realidade que eu vou ter que enfrentar para que a coisa funcione."

4.2.5 Como as mães de autistas equilibram os conflitos entre trabalho-família e gestão do tempo.

O conflito entre trabalho e responsabilidades familiares é uma barreira constante para mães atípicas empreendedoras (Greenhaus & Powell 2006). É possível verificar que gerenciar o tempo entre os cuidados com os filhos e as exigências do negócio é um dos maiores desafios enfrentados pelas entrevistadas, dita por muitas como "a parte mais difícil e cansativa". Como podemos examinar com esta afirmação dita pela mãe 8: "Difícil equilibrar, nem todo dia consigo manter esse equilíbrio. Tenho que aceitar [...] eu me dedico menos do que eu gostaria por causa da rotina dele [...] ter horários flexíveis de acordo com as demandas deles é o principal."

No entanto, o empreendedorismo lhes oferece uma maior flexibilidade de horários, controle sobre a carga de trabalho, criação de uma rotina adaptada a necessidade da família e conseqüentemente traz mais equilíbrio em suas relações familiares: "Esse equilíbrio do empreendedorismo com a maternidade torna muito, muito, muito mais fácil do que quando eu era uma pessoa empregada no regime CLT [...] Sendo uma empreendedora, eu trabalho de segunda a segunda, porém em meu dia a dia é possível ter um planejamento de horários para que nos momentos que meu filho esteja comigo eu possa estar com ele[...] Eu me sinto muito mais calma, menos ansiosa e menos sobrecarregada, mesmo trabalhando muito mais." (Mãe 7) Algumas mães revelaram sua estratégia para conciliar as demandas trabalho-família: "atualmente, eu trabalho apenas com encomendas, então isso já me ajuda a planejar o tempo de produção e entrega dos pedidos. Pois só consigo fazer no período da tarde, enquanto ele está na escola. Então fico oscilando nas duas funções, e assim vou dando conta. Quando tem uma festa maior, peço para o meu marido ficar com meu filho, quando não conseguimos realizar as nossas

tarefas aqui em casa para que os dois consigam trabalhar, deixamos ele na casa da minha sogra ou da minha mãe.” (Mãe 9) O uso de ferramentas para otimizar o tempo são fundamentais, para realizar as atividades com mais eficiência e organizar as demandas do dia” eu tenho um *Planner* que eu ponho na minha geladeira, onde eu coloco as tarefas mais importantes, como os médicos, meus cursos, compromissos. Vou equilibrando a partir dessas demandas que têm em particular com o meu dia a dia de costura[...] (Mãe 7)

Aproveitar o tempo e os horários que surgem no dia e durante o tratamento dos seus filhos ou ajustar a carga de trabalho às necessidades do dia a dia foram abordados por duas mães: “No momento em que ele está numa terapia, é um momento que eu posso pegar e focar em preparar minhas publicações para o *Instagram*. Posso estar numa sala de espera de um consultório médico enquanto ele está na sessão e consigo fazer isso. Então é tudo uma questão de organização e planejamento.” (Mãe 7) Uma delas compartilhou uma tática que a fez aumentar seu volume de vendas e melhorar sua qualidade de vida:” O que tenho feito para atingir mais clientes é usar o próprio espaço da clínica para vender meu produto para as mães, para os terapeutas. Vem dando certo. Tiro também 1 hora para cuidar de mim, enquanto meu filho está na clínica, vou para a academia” (Mãe 9).

Capítulo 5: Discussão

5.1 Contribuições Teóricas

O estudo baseia-se em duas teorias fundamentais: Teoria do Comportamento Planejado (TPB) (Ajzen, 1991) e Teoria do Enriquecimento Trabalho e Família (Greenhaus & Powell, 2006). A aplicação dessas teorias ao contexto do empreendedorismo para mães de autistas revelou *insights* significativos. A Teoria do Comportamento Planejado afirma que, o comportamento do indivíduo é formado pelas suas intenções e que elas são moldadas a partir da atitude em relação ao comportamento, normas subjetivas e controle comportamental percebido. Neste caso, observa-se que, as mães têm uma intenção empreendedora relevante, impulsionada pela autonomia, autorrealização e flexibilidade que o empreendedorismo proporciona. As mães apresentam atitudes positivas em relação ao empreendedorismo, enxergando-o como um auxílio na superação do luto pós-diagnóstico, na geração de renda extra para suas famílias e tratamento de seus filhos, e

que, na maioria das vezes o escolhem por necessidade e falta de opções. De modo geral, os resultados quantitativos mostram que a IE, MF e EQ são condições necessárias para que mães de crianças autistas alcancem níveis elevados de autoeficácia, sendo o MF o que possui um maior nível de necessidade, deste modo é preciso tratar o medo do fracasso empreendedor nestas mães para aumentar a intenção empreendedora e consequentemente obterem mais sucesso em seus empreendimentos.

Verificou-se que, apesar de trabalhar mais do que no regime padrão de 8 horas por dia e até nos finais de semana, as mães empreendedoras atípicas se sentem mais felizes e realizadas, ao definir sua própria rotina, se sentem menos estressadas, mais realizadas e felizes em trabalhar e se dedicar ao seu empreendimento. Em contrapartida, se estivessem em empregos tradicionais, esse excesso de horas trabalhadas geraria estresse e insatisfação. (Duberley & Carrigan, 2013). Segundo Humbert & Lewis (2008) esse excesso de horas trabalhadas ocorre porque o empreendedorismo feminino em casa muitas vezes exige maior tempo, e elas são frequentemente interrompidas pelas demandas diárias de seus filhos.

Por outro lado, a Teoria do Enriquecimento Trabalho- Família, sugere que o equilíbrio entre o trabalho e as responsabilidades familiares podem gerar efeitos positivos em ambas as esferas. No presente estudo, ficou evidente que as mães de crianças de autistas que empreendem experimentam uma forma de enriquecimento mútuo entre trabalho e família. Além de transformar as necessidades de seus filhos em uma oportunidade de negócio, utilizando o tempo dedicado às terapias para criar novas vendas, reuniões e investimento em novas capacitações. Nosso estudo descobriu algo diferente do que foi encontrado por Huaman et al. (2022) onde negócios liderados por mulheres alcançam um elevado nível de crescimento e expansão a curto prazo, tendo uma perspectiva de alto impacto. As mães de autistas empreendedores, não desejam que seus negócios cresçam muito para não perderem essa relação de equilíbrio e qualidade de vida de acompanhar seus filhos de perto. De modo que, utilizam estratégias de controle e planejamento cuidadoso, com baixa divulgação de suas marcas, atuando com encomendas de seus produtos e serviços, com indicações de clientes que vão surgindo, de modo que o negócio se adapte à rotina familiar e não interfira no desenvolvimento e tratamento de seus filhos. Concluímos que essa escolha de manter a empresa menor está diretamente ligada à questão de gênero, falta de rede de apoio e ao medo do fracasso empreendedor.

Comparando com o contexto descrito por Duberley & Carrigan (2013) onde constataram que mães com filhos típicos aproveitam o momento que eles não dependem tanto delas, para dedicar-se em desenvolver seus negócios ou até mesmo iniciar um empreendimento sozinhas ou com ajuda de seus filhos. A situação é bem diferente, complexa e delicada para mães atípicas, de acordo com nossos resultados, elas não veem uma perspectiva de independência total dos seus filhos, muitas relataram que eles continuarão a depender delas para cumprir necessidades básicas e diárias ao longo do tempo, como é o caso de crianças com um grau elevado de autismo. Elas expressam um grande medo e preocupação com o futuro dos seus filhos, temendo o que pode acontecer com eles caso algo lhe ocorra, pois muitas vezes são as únicas responsáveis pelo cuidado integral deles. Além da dificuldade de encontrar pessoas capacitadas para auxiliar no manejo comportamental de seus filhos é um grande desafio, especialmente quando o grau de autismo envolve a agressividade ou exigência da criança pela presença da mãe. Para mães em situação financeira precária, este desafio se torna ainda maior, devido à falta de recursos financeiros para contratar pessoas qualificadas que possam auxiliá-las. Podemos comparar este resultado com um estudo argentino de Szlamka et al. (2024) centrado no empoderamento de cuidadores de crianças com autismo, explora como essas famílias se mobilizam para garantir os direitos de seus filhos, obtendo acesso à educação e suporte adequados. Embora realizado em outro país, os autores identificam alguns resultados similares aos do nosso estudo, especialmente em relação aos desafios enfrentados pelas mães, como a instabilidade financeira e a falta de rede de apoio, são questões comuns enfrentadas pelas mães brasileiras.

5.2 Implicações Sociais e Políticas

Os resultados do estudo também têm implicações significativas no âmbito social e político. Estudos como (Dubeley & Carrigan, 2013; Martins et al., 2021) mostram que o empreendedorismo surge como uma solução para a escassez de oportunidades no mercado de trabalho formal, especialmente para mães, além da falta de flexibilidade para conciliar os cuidados com os filhos. A questão do gênero é um fator crucial a ser destacado, a responsabilidade de cuidar da casa e dos filhos recai quase exclusivamente sobre as mulheres, sem a possibilidade de escolher livremente entre seu futuro profissional e pessoal, muitas vezes se vêem em um beco sem saída. Quando se trata de mães de autistas, essa realidade é ainda mais desafiadora, além da falta de oportunidades ser maior, enfrentam preconceitos e barreiras superiores.

Ao pesquisar a relação entre autismo e empreendedorismo feminino observamos que

essa é uma área negligenciada e pouco estudada, especialmente no contexto de mulheres brasileiras, onde as pesquisas são quase inexistentes. Isto ocorre devido ao acesso limitado à informação sobre o autismo e ao estigma que ainda persiste na sociedade brasileira, juntamente com um alto grau de preconceito, além de poucas políticas públicas. No entanto, é um tema relativamente novo e que vem ganhando relevância, abrindo espaço para novas pesquisas (Rios & Andrada, 2015; Araujo et al., 2024). Em contrapartida, alguns estudos sobre o empreendedorismo voltado para pessoas com autismo estão crescendo consideravelmente, por exemplo, a revisão sistemática dos autores Iacomini et al. (2022) destaca o empreendedorismo como uma importante alternativa de trabalho para autistas, impulsionando sua autodeterminação (Wiklund et al., 2018).

De acordo com os resultados da pesquisa, é fundamental que sejam implementadas políticas públicas para mitigar esses desafios. Em primeiro lugar, políticas que incentivem o trabalho remoto e a flexibilização de jornada de trabalho para mães atípicas, oferecendo incentivos fiscais para que as empresas as contratem, criando ambientes mais inclusivos e adaptados às suas necessidades. Em segundo lugar, criação de creches e redes de apoios com acompanhantes capacitados que possam cuidar dessas crianças em períodos parciais ou integrais do dia, para que as mães consigam adentrar ao mercado de trabalho convencional ou se dedicarem mais ao seu empreendimento. Terceiro, apoio psicológico e terapêutico para as mães, muitas sofrem com elevados níveis de estresse, sobrecarga, ansiedade e depressão, este apoio ajuda na saúde mental das mulheres e conseqüentemente melhoram a autoeficácia. Em quarto lugar, acesso a capacitação profissional para impulsionarem seus negócios, muitas mães exercem múltiplas funções em suas empresas, é necessário que tenham uma boa orientação e estejam atentas as novidades do seu mercado de atuação. Por fim, políticas para melhorar a saúde pública, devido ao grande número de mães que sobrevivem com até um salário-mínimo e não tem recursos financeiros para tratamento adequado de seus filhos, encontrando-se em uma enorme fila de espera, o que prejudica o desenvolvimento e independência dessas crianças. Essas medidas promovem um ambiente menos desigual, favorável e oportuno para essas mães, fazendo com que tenham uma participação maior e mais ativa na economia, contribuindo de forma significativa com suas famílias e a sociedade em geral, além de contribuir com o aumento da autoeficácia e diminuição e controle do medo do fracasso empreendedor.

Capítulo 6: Conclusão

Podemos concluir que, o estudo atingiu seus objetivos ao responder às duas questões de pesquisa propostas. Primeiramente, foi estabelecido uma relação de necessidade entre as variáveis de intenção empreendedora, medo do fracasso empreendedor, equilíbrio entre trabalho-família e autoeficácia das empreendedoras mães de autistas no contexto brasileiro. Os resultados indicaram que o medo do fracasso é necessário para a autoeficácia, possibilita que essas mães empreendedoras se sintam mais confiantes em suas capacidades. A IE e o EQ, também foram identificados como fatores necessários, mas em níveis moderados.

Em segundo lugar, o empreendedorismo representa uma solução viável para mães de autistas, que, em sua maioria não consegue se adequar mercado de trabalho formal, devido as demandas específicas de seus filhos. A flexibilidade de horários e a renda extra foi uma das principais motivações empreendedoras citadas por essas mulheres. Uma das principais descobertas do presente estudo foi o fato das mães atípicas empreendedoras não terem a intenção que suas empresas cresçam e se expandam para não atrapalhar e perder esta relação de equilíbrio com seus filhos e seu respectivo trabalho. Além da condição necessária medo do fracasso empreendedor tem sobre a autoeficácia, deste modo, as mães que conseguirem gerir melhor este medo tende a desenvolver maior confiança em sua capacidade empreendedora e irão obter uma maior eficácia em suas atividades profissionais e pessoais. A falta de rede de apoio é um dos desafios mais relevantes enfrentados por elas, as impedindo de se profissionalizarem e dedicarem mais tempo aos seus negócios.

A ausência de políticas públicas efetivas, o acesso precário ao sistema de saúde, a falta de educação adequada para os seus filhos e dificuldades socioeconômicas, geram um elevado nível de estresse maior do que em mães com filhos típicos ou com outra neurodivergência. Esta exclusão e negligências para com as mães de crianças com autismo por parte da sociedade, aliada a escassez de informações e poucos estudos focados nesse tema na literatura, contribuem para justificar a necessidade de maior atenção e pesquisas voltadas a essa realidade (Hoffman et al., 2009; Nuske et al., 2017; Rios & Andrada, 2015; Araujo et al., 2024).

As limitações enfrentadas durante o desenvolvimento da pesquisa surgiram inicialmente, pela dificuldade em conseguir coletar uma quantidade relevante de

amostra, dado o desafio de encontrar mulheres que se enquadrassem no critério de escolha e estivessem dispostas a responderem o questionário. Além de que, algumas perguntas não foram respondidas completamente no questionário, sendo necessário realizar a exclusão de respostas que seriam importantes para análise de resultados do estudo. Em segundo lugar, a escassez significativa de estudos encontrados na literatura que abordassem o empreendedorismo a mães de autistas, especialmente no contexto brasileiro.

Como sugestão para futuras pesquisas, propõe-se explorar o impacto de políticas públicas no empreendedorismo de mães atípica, qual o impacto positivo que boas políticas públicas trazem para essas mães. Realizar uma comparação internacional do empreendedorismo materno atípico em diferentes contextos sociais, visto que, cenários com recursos financeiros trazem outras perspectivas e desafios se comparados com quem possui uma baixa renda, comparando também as principais diferenças e semelhanças entre o empreendimento de mães atípicas e o de mães com filhos típicos. Resiliência e saúde mental de mães atípicas empreendedoras, sendo uma área rica e atual do bem-estar psicológico dessas mães, especialmente em termos de redução de estresse, aumento de autoestima e qualidade de vida. O impacto da rede de apoio para mães de autistas, tanto familiar como comunitária, como essa rede impulsiona e prejudica o empreendedorismo dessas mães. A relação entre crescimento empresarial e qualidade de vida, explorando mais essa questão de como a não expansão dos negócios de mães atípicas aumenta a qualidade de vida. Por fim, é aprofundar os estudos em mães atípicas brasileiras dada a escassez de estudos encontrados. É relevante investigar também, o papel do empreendedorismo para desenvolvimento e independência de autistas, bem como, analisar o mercado de trabalho para autistas no Brasil, considerando sua autonomia e dependência dos seus cuidadores.

Por fim, as descobertas desse estudo ressaltam a necessidade urgente de um maior apoio institucional e social para mães de crianças autistas, visando promover seu bem-estar e aumentar suas chances de sucesso no empreendedorismo. O ideal é o empreendedorismo seja visto por essas mães como uma escolha e oportunidade de desenvolvimento pessoal e profissional e não como uma necessidade e falta de opção. Iniciativas que integrem capacitação técnica com o suporte emocional e estrutural para trazer impactos significativos, tanto na vida dessas mães quanto de suas famílias. Que elas sejam reconhecidas como mulheres empoderadas e não como vítimas, pois possuem competências e habilidades como qualquer outra mulher. Esta pesquisa evidencia a

necessidade de mais pesquisas nessa área, além de reforçar e a importância de compreender o autismo e papel das mães, que frequentemente abandonam suas carreiras profissionais para se adaptar a uma nova realidade, dedicando-se ao cuidado e desenvolvimento de seus filhos.

Referências

- Aghion, P., Fally, T., & Scarpetta, S. (2007). Credit constraints as a barrier to the entry and post-entry growth of firms. *Economic Policy*, 22(52), 732–779. <https://doi.org/10.1111/j.1468-0327.2007.00190.x>
- Ajide, F. M. (2020). Financial inclusion in Africa: Does it promote entrepreneurship? *Journal of Financial Economic Policy*, 12(4). <https://doi.org/10.1108/JFEP-08-2019-0159>
- Ajzen, I. (1991). The theory of planned behavior. *Organizational Behavior and Human Decision Processes*, 50(2), 179–211. [https://doi.org/10.1016/0749-5978\(91\)90020-](https://doi.org/10.1016/0749-5978(91)90020-)
- Akhter, J., & Cheng, K. (2020). Sustainable empowerment initiatives among rural women through microcredit borrowings in Bangladesh. *Sustainability*, 12(6), 2275. <https://doi.org/10.3390/su12062275>
- Aliedan, M. M., Elshaer, I. A., Alyahya, M. A., & Sobaih, A. E. E. (2022). Influences of university education support on entrepreneurship orientation and entrepreneurship intention: Application of theory of planned behavior. *Sustainability*, 14(20), 13097. <https://doi.org/10.3390/su142013097>
- Al-Mamary, Y. H., & Alraja, M. M. (2022). Understanding entrepreneurship intention and behavior in the light of TPB model from the digital entrepreneurship perspective. *International Journal of Information Management Data Insights*, 2(2), 100106. <https://doi.org/10.1016/j.ijime.2022.100106>
- Al-Mamary, Y. H., Abdulrab, M., Alwaheeb, M. A., & Alshammari, N. G. M. (2020). Factor impacting entrepreneurial intentions among university students in Saudi Arabia: Testing an integrated model of TPB and EO. *Education + Training*, 62(7–8), 779–803. <https://doi.org/10.1108/ET-02-2020-0040>
- Al-Mamary, Y. H., Alwaheeb, M. A., Alshammari, N. G. M., Abdulrab, M., Balhareth, H., & Soltane, H. B. (2020). The effect of entrepreneurial orientation on financial and non-financial performance in Saudi SMEs: A review. *Journal of Critical Reviews*, 7(14), 270–278. <https://doi.org/10.31838/jcr.07.14.35>
- Araujo, A. G. R., da Silva, M. A., Bandeira, P. F. R., Gillespie-Lynch, K., & Zanon, R. B. (2024). Estigma e conhecimento sobre autismo no Brasil: Um estudo psicométrico e de intervenção. *Autismo*, 28(1), 215–228. <https://doi.org/10.1177/13623613231168917>
- Araujo, G. R., Silva, M. A., Bandeira, P. F., Gillespie-Lynch, K., & Zanon, R. B. (2023). Stigma and knowledge about autism in Brazil: A psychometric and intervention study. *Autism*, 0(0), 1–14. <https://doi.org/10.1177/13623613231168917>

- Aude d'Andria, I., & Gabarret, I. (2017). Mothers and entrepreneurs: Study of the entrepreneurial motivation of French mompreneurs. *Revue Internationale PME*, 30(1), 155-181. <https://doi.org/10.7202/1039789ar>
- Baltar, F., & Brunet, I. (2012). Social research 2.0: Virtual snowball sampling method using Facebook. *Internet Research*, 22(1), 57. <https://doi.org/10.1108/10662241211199960>
- Bandura, A. (1997). *Self-efficacy: The exercise of control*. New York: W. H. Freeman and Company. https://www.academia.edu/28274869/Albert_Bandura_Self_Efficacy_The_Exercise_of_Control_W_H_Freeman_and_Co_1997_pdf
- Barnett, R. C., & Hyde, J. S. (2001). Women, men, work, and family. *American Psychologist*, 56(10), 781-796. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.56.10.781>
- Bayero, M. A. (2015). Exploring the link between financial inclusion and women entrepreneurship. *Lapai Journal of Management Science*, 6(3), 247-259. https://www.researchgate.net/publication/301292818_exploring_the_link_between_financial_inclusion_and_women_entrepreneurship
- Bogren, M., von Friedrichs, Y., Rennemo, O., & Widding, O. (2013). Networking women entrepreneurs: Fruitful for business growth? *International Journal of Gender and Entrepreneurship*, 5(1), 60-77. <https://doi.org/10.1108/17566261311305210>
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using the matican alysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77-101. <https://doi.org/10.1191/1478088706qp0630a>
- Bruhn, M., & Love, I. (2009). The economic impact of banking the unbanked: Evidence from Mexico. *World Bank Policy Research Working Paper*, (4981). <https://doi.org/10.1596/1813-9450-4981>
- Bruni, A., Gherardi, S., & Poggio, B. (2004). Doing gender, doing entrepreneurship: Na ethnographic account of intertwined practices. *Gender, Work & Organization*, 11, 406-429. <https://doi.org/10.1111/j.1468-0432.2004.00240.x>
- Buescher, A. V. S., Cidav, Z., Knapp, M., & Mandell, D. S. (2014). Costs of autism spectrum disorders in the United Kingdom and the United States. *JAMA Pediatrics*, 168(8), 721-728. <https://doi.org/10.1001/jamapediatrics.2014.210>
- Cacciotti, G., Hayton, J. C., Mitchell, J. R., & Allen, D. G. (2020). Entrepreneurial fear of failure: Scale development and validation. *Journal of Business Venturing*, 35(5), Article 106041. <https://doi.org/10.1016/j.jbusvent.2020.106041>

- Cardon, M. S., & Patel, P. C. (2015). Is stress worth it? Stress-related health and wealth tradeoffs for entrepreneurs. *Applied Psychology, 64*(3), 379–420. <https://doi.org/10.1111/apps.12021>
- Carlson, D. S., Kacmar, M., Wayne, J. H., & Grzywacz, J. G. (2006). Measuring the positive side of the work–family interface: Development and validation of a work–family enrichment scale. *Journal of Vocational Behavior, 68*(1), 104–113. <https://doi.org/10.1016/j.jvb.2005.04.003>
- Carr, D. (1996). Two paths to self-employment? *Work and Occupations, 23*(1), 26–53. <https://doi.org/10.1177/0730888496023001003>
- Chen, G., Gully, S. M., & Eden, D. (2001). Validation of a new general self-efficacy scale. *Organizational Research Methods, 4*(1), 62–83. <https://doi.org/10.1177/109442810141004>
- Chen, L., & Linán, F. (2009). Development and cross-cultural application of a specific instrument to measure entrepreneurial intentions. <https://doi.org/10.1111/j.1540-6520.2009.00318.x>
- Comissão Europeia (2013, janeiro 13). *Unleashing Europe's entrepreneurial potential to bring back growth*. Economic and Social Committee https://ec.europa.eu/commission/presscorner/detail/en/IP_13_12
- Comissão Europeia (2013, maio 13). *Entrepreneurship 2020 Action Plan*. European Economic and Social Committee. <https://www.eesc.europa.eu/en/our-work/opinions-information-reports/opinions/entrepreneurship-2020-action-plan>
- Creswell, J. W., & Plano Clark, V. L. (2018). *Designing and conducting mixed methods research* (3ª ed.). SAGE Publications.
- Creswell, J. W., Klassen, A. C., Plano Clark, V. L., & Smith, K. C. (2011). Best practices for mixed methods research in the health sciences. Office of Behavioral and Social Sciences Research, National Institutes of Health. <https://doi.org/10.1177/1473325013493540a>
- Cross, C., & Linehan, M. (2006). Barriers to advancing female careers in the high-tech sector: Empirical evidence from Ireland. *Women in Management Review, 21*(1), 28–39. <https://doi.org/10.1108/09649420610643394>
- Dai, S., Wang, Y., & Liu, Y. (2019). The emergence of Chinese entrepreneurs: Social connections and innovation. *Journal of Entrepreneurship in Emerging Economies, 11*(3), 351–368. <https://doi.org/10.1108/JEEE-02-2018-0021>

- DePape, A. M., & Lindsay, S. (2015). Parents' experiences of caring for a child with autism spectrum disorder. *Qualitative Health Research*, 25(5), 569–583. <https://doi.org/10.1177/1049732314552455>
- Drogomyretska, K., Fox, R., & Colbert, D. (2020). Briefreport: Stress and perceived social support in parents of children with ASD. *Journal of Autism & Developmental Disorders*, 50(11), 4176–4182. <https://doi.org/10.1007/s10803-020-04455-x>
- Dubeley, J., & Carrigan, M. (2013). The career identities of 'mumpreneurs': Women's experiences of combining enterprise and motherhood. *International Small Business Journal*, 31(6), 629-651. <https://doi.org/10.1177/0266242611435182>
- Dul, J. (2016b). Necessary condition analysis (NCA): Logic and methodology of 'necessary but not sufficient' causality. *Organizational Research Methods*, 19(1), 10–52. <https://doi.org/10.1177/1094428115624522>
- Dul, J. (2024). Howto sample in necessary condition analysis (NCA). *European Journal of International Management*, 23(1), 1-12. <https://doi.org/10.1504/EJIM.2024.10063098>
- Dul, J., Hauff, S., & Bouncken, R. B. (2023). Necessary condition analysis (NCA): Review of research to pics and guide lines for good practice. *Review of Managerial Science*, 17(2), 683-714. <https://doi.org/10.1007/s11846-023-00628-x>
- Dul, J., Hauff, S., & Tóth, Z. (2021). Necessary condition analysis in marketing research. In R. Nunkoo, V. Teeroovengadum, & C. M. Ringle (Eds.), *Handbook of research methods for marketing management* (pp. 51–72). Edward Elgar Publishing. <https://doi.org/10.4337/9781788976954.00008>
- Dul, J., van der Laan, E., & Kuik, R. (2020). A statistical significance test for necessary condition analysis. *Organizational Research Methods*, 23(3), 385–395. <https://doi.org/10.1177/1094428118795272>
- Durkin, M. S., Elsabbagh, M., Barbaro, J., Gladstone, M., Happe, F., Hoekstra, R. A., & Shih, A. (2015). Autisms creening and diagnosis in low resource settings: Challenges and opportunities to enhance research and services worldwide. *Autism Research*, 8(5), 473–476. <https://doi.org/10.1002/aur.1575>
- Ekinsmyth, C. (2011). Challenging the boundaries of entrepreneurship: The spatialities and practices of UK 'Mumpreneurs'. *Geoforum*, 42(1), 104–114. <https://doi.org/10.1016/j.geoforum.2010.10.005>
- Ekinsmyth, C. (2013). Managing the business of everyday life: The roles of space and place in "mumpreneurship". *International Journal of Entrepreneurial Behaviour & Research*, 19(5), 525–546. <https://doi.org/10.4018/IJSSMET.290334>

- Fernández, R. (2014). Women's rights and development. *Journal of Economic Growth*, 19(1), 37-80. <https://doi.org/10.1007/s10887-013-9097-4>
- Fetters, M. D., Curry, L. A., & Creswell, J. W. (2013). Achieving integration in mixed methods designs—principles and practices. *Health Services Research*, 48 (2), 2134–2156. <https://doi.org/10.1111/1475-6773.12117>
- Fishbein, M., & Ajzen, I. (1975). *Belief, attitude, intention and behavior: An introduction to theory and research*. Reading, MA: Addison-Wesley.
- Fitzsimmons, T. W., Callan, V. J., & Paulsen, N. (2014). Gender disparity in the C-suite: Do male and female CEOs differ in how they reached the top? *The Leadership Quarterly*, 25(2), 245–266. <https://doi.org/10.1016/j.leaqua.2013.08.005>
- Fodor, O. C., & Pinteá, S. (2017). The “emotional side” of entrepreneurship: A meta-analysis of the relation between positive and negative affect and entrepreneurial performance. *Frontiers in Psychology*, 8, 310. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2017.00310>
- Freitas, B. M. S., & Gaudenzi, P. (2022). "We, mothers of autistic people": Between knowledge of the experience and collective memories in vídeos on YouTube. *Ciencia e Saude Coletiva*, 27(4), 1595–1604. <https://doi.org/10.1590/1413-81232022274.07212021>
- Friedman, S. D., & Greenhaus, J. H. (2000). *Allies or enemies? What happens when business professionals confront life choices*. Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780195112757.001.0001>
- GEM (2023, novembro 23). *GEM 2022/2023 Women's Entrepreneurship: Challenging Bias and Stereotypes*. <https://www.gemconsortium.org/report/gem-20222023-womens-entrepreneurship-challenging-bias-and-stereotypes-2>
- Goel, N., & Madan, P. (2019). Benchmarking financial inclusion for women entrepreneurship – A study of Uttarakhand state of India. *Benchmarking: An International Journal*, 26(1), 160–175. <https://doi.org/10.1108/BIJ-01-2018-0023>
- Gottfried, A. E., & Gottfried, A. W. (2002). Maternal and dual-earner employment status and parenting. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting* (2nd ed., Vol. 2, pp. 207–229). Lawrence Erlbaum Associates Publishers. https://www.researchgate.net/publication/232527853_Maternal_and_dual-earner_employment_status_and_parenting
- Hansen, J. M., Saridakis, G., & Benson, V. (2018). Risk, trust, and the interaction of perceived ease of use and behavioral control in predicting consumers' use of social media for transactions. *Computers in Human Behavior*, 80, 197–206. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2017.11.010>

- Hatta, O., Derôme, M., De Mol, J., & Gabriel, B. (2018). Quality of life among mothers of autistic children. *Medical-Psychological Annals*, 1(1), 1–20. <https://doi.org/10.1016/j.amp.2017.10.021>
- Heilman, M. E., & Chen, J. J. (2003). Entrepreneurship as a solution: The allure of self-employment for women and minorities. *Human Resource Management Review*, 13(2), 347–364. [https://doi.org/10.1016/S1053-4822\(03\)00021-4](https://doi.org/10.1016/S1053-4822(03)00021-4)
- Hendriks, S. (2019). The role of financial inclusion in driving women's economic empowerment. *Development in Practice*, 29(8), 1029–1038. <https://doi.org/10.1080/09614524.2019.1660308>
- Hilbrecht, M., Shaw, S., Johnson, L., & Andrey, J. (2008). I'm home for the kids: Contradictory implications for work–life balance of teleworking mothers. *Gender, Work & Organization*, 15(5), 454–476. <https://doi.org/10.1111/j.1468-0432.2008.00413.x>
- Hoffman, C. D., & Sweeney, D. P. (2009). Parenting stress and closeness: Mothers of typically developing children and mothers of children with autism. *Focus*, 24, 178–187. <https://doi.org/10.1177/1088357609338715>
- HuamánBendezú, F., Researcher, Y., Cancino, C., & Cordova, M. (2022). Female entrepreneurship: Evidence-based high-impact perspective from Chile and Peru. *Estudios Gerenciales*, 38, 45–56. <https://doi.org/10.18046/j.estger.2022.162.4586>
- Iacomini, S., Vascelli, L., Berardo, F., Cavallini, F., & Dipace, A. (2022). Self-employment and entrepreneurship for young adults with neurodevelopmental or psychiatric disorders: A systematic review. *Journals of Medical Internet Research*, 24(6), Article e3541. <https://doi.org/10.13129/2612-4033/0110-3541>
- Ilies, R., Wilson, K. S., & Wagner, D. T. (2009). The spillover of daily job satisfaction on to employees' family lives: The facilitating role of work-family integration. *Academy of Management Journal*, 52(1), 87–102. <https://doi.org/10.5465/AMJ.2009.36461938>
- Järbrink, K., & Knapp, M. (2001). The economic impact of autism in Britain. *Autism*, 5(1), 7–22. <https://doi.org/10.1177/1362361301005001002>
- Jennings, J. E., & McDougald, M. S. (2007). Work-family interface experiences and coping strategies: Implications for entrepreneurship research and practice. *Academy of Management Review*, 32(3), 747–760. <https://doi.org/10.2307/20159332>
- Karim, M. S., Kwong, C., Shrivastava, M., & Tamvada, J. (2022). My mother-in-law doesn't like it: Resources, social norms, and entrepreneurial intentions of

women in na emerging economy. *Small Business Economics*.
<https://doi.org/10.1007/s11187-021-00594-2>

- Kashif, M., Zarkada, A., & Ramayah, T. (2018). The impact of attitude, subjective norms, and perceived behavioural control on managers' intention to behave ethically. *Total Quality Management & Business Excellence*, 29(5–6), 481–501. <https://doi.org/10.1080/14783363.2016.1209970>
- Kevane, M., & Wydick, B. (2001). Microenterprise lending to female entrepreneurs: Sacrificing economic growth for poverty alleviation? *World Development*, 29(7), 1225–1236. [https://doi.org/10.1016/S0305-750X\(01\)00032-8](https://doi.org/10.1016/S0305-750X(01)00032-8)
- Kirkwood, J., & Tootell, B. (2008). Entrepreneurship is the answer to achieving balance between work and family. *Journal of Management and Organization*, 14(3), 285–302. <https://doi.org/10.5172/jmo.837.14.3.285>
- Kollmann, T., Stöckmann, C., & Kensbock, J. M. (2018). I can't sleep: The differential impact of business stressors on interference work-home and insomnia among experienced and novice entrepreneurs. *Journal of Business Adventures*, in press. <https://doi.org/10.1016/j.jbusvent.2018.08.001>
- Kumar, R. (2005). *Research Methodology: A Step-by-Step Guide for Beginners*. SAGE.
- Koutsou, S., Iakovidou, O., & Gotsinas, N. (2003). Women's cooperatives in Greece: Na ongoing story of battles, successes and problems. *Journal of Rural Cooperation*, 31(1), 47–58. <https://doi.org/10.22004/ag.econ.59774>
- Lazarus, R. S. (1991). Progress on a cognitive-motivational-relational theory of emotion. *American Psychologist*, 46(8), 819–834. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.46.8.819>
- Leffler, E. (2009). The many faces of entrepreneurship: A discursive battle for the school arena. *European Educational Research Journal*, 8(1), 104–116. <https://doi.org/10.2304/eeerj.2009.8.1.104>
- Iharbi, A., Aljojo, N., Zainol, A., Alshutayri, A., Alharbi, B., & Aldhahri, E. (2021). Identification of critical factors affecting the students' acceptance of learning management system (LMS) in Saudi Arabia. *International Journal of Innovation*, 9(2), 353–388. <https://doi.org/10.5585/iji.v9i2.19652>
- Lord, C., Elsabbagh, M., Baird, G., & Veenstra-Vanderweele, J. (2020). Autism spectrum disorder. *Nature Reviews Disease Primers*, 6, 508–520. <https://doi.org/10.1038/s41572-019-0138-4>
- Loscocco, K., & Bird, S. R. (2012). Gendered paths: Why women lag behind men in small business success. *Work and Occupations*, 39(2), 183–219. <https://doi.org/10.1177/0730888412444282>

- Mader, P. (2016). Card crusaders, cash infidels and the holy grails of digital financial inclusion. *Behemoth-A Journal on Civilisation*, 9(2), 59–81.
<https://doi.org/10.6094/BEHEMOTH.2016.9.2.916>
- Masi, A., DeMayo, M. M., Glozier, N., & Guastella, A. J. (2017). An overview of autism spectrum disorder, heterogeneity and treatment options. *Neuroscience Bulletin*, 33(2), 183–193. <https://doi.org/10.1007/s12264-017-0100-y>
- Mathew, V. (2010). Women entrepreneurship in the Middle East: Understanding barriers and use of ICT for entrepreneurship development. *International Entrepreneurship and Management Journal*, 6(2), 163–181.
<https://doi.org/10.1007/s11365-010-0144-1>
- Meraiah Foley, M., Baird, M., Cooper, R., & Williamson, S. (2018). Is independence really an opportunity? The experience of entrepreneur-mothers. *Journal of Small Business and Enterprise Development*. <https://doi.org/10.1108/JSBED-10-2017-0306>
- Miller, D. (2011). Miller (1983) revisited: A reflection on EO research and some suggestions for the future. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 35(5), 873–894. <https://doi.org/10.1111/j.1540-6520.2011.00457.x>
- Minetto, M., Crepaldi, M., Bigras, M., & Moreira, L. (2012). Parental stress and educational practices of parents of young children with typical and atypical development. *Educar em Revista*, 28(43), 117–132.
<https://doi.org/10.1590/S0104-40602012000100009>
- Minitti M., Arenius P., & Langowitz N. (2005). *Global Entrepreneurship Monitor 2004 report on women and entrepreneurship*. 1-44.
https://www.findevgateway.org/sites/default/files/publications/files/mfg-en-paper-gem-2004-report-on-women-and-entrepreneurship-2005_0.pdf
- Mislevy, R. J. (1991). Review of Statistical Analysis with Missing Data, by D. B. Rubin & R. J. A. Little. *Journal of Educational Statistics*, 16(2), 150–155.
<https://doi.org/10.2307/1165119>
- Molina, J. A. (2020). Family and entrepreneurship: New empirical and theoretical results. *Journal of Family and Economic Issues*, 41(1), 1-3.
<https://doi.org/10.1007/s10834-020-09667-y>
- Morim, R., & Batista, L. E. (2010). Empreendedorismo feminino: Razão do empreendimento. *Núcleo de Pesquisa da FINAN*, 3(3), 1–13.
http://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20170602115149.pdf
- Myers, B. J., Mackintosh, V. H., & Goin-Kochel, R. P. (2009). "My greatest joy and my greatest ache": Parents' own words on how having a child on the autism spectrum has affected their lives and their families' lives. *Research in Autism Spectrum Disorders*, 3(3), 670–684.
<https://doi.org/10.1016/j.rasd.2009.01.004>

- Naser, K., Nuseibeh, R., & Al-Hussaini, A. (2012). Personal and external factors effect on women entrepreneurs: Evidence from Kuwait. *Journal of Developmental Entrepreneurship*, 17(2), Article 1250008. <https://doi.org/10.1142/S1084946712500086>
- Nuske, H. J., Hedley, D., Tseng, C. H., Begeer, S., & Dissanayake, C. (2017). Emotion regulation strategies in preschoolers with autism: Associations with parent quality of life and family functioning. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 48(4), 1287–1300. <https://doi.org/10.1007/s10803-017-3391-y>
- O’Leary, D. (2022). Unemployment and entrepreneurship across high-, middle- and low-performing European regions. *Regional Studies, Regional Science*, 9(1), 571–580. <https://doi.org/10.1080/21681376.2022.2099891>
- Martins, O., Dana, L.-P., & Liguori, E. (2021). Women entrepreneurship in developing economies: A gender-based growth model. *Journal of Small Business Management*, 59, 4272. <https://doi.org/10.1080/00472778.2021.1938098>
- Patrick, C., Stephens, H., & Weinstein, A. (2016). Where are all the self-employed women? Push and pull factors influencing female labor market decisions. *Small Business Economics*, 46(3), 365–390. [10.1007/s11187-015-9697-2](https://doi.org/10.1007/s11187-015-9697-2)
- Patton, M. Q. (1990). *Qualitative evaluation and research methods* (2nd ed.). Sage Publications. <https://doi.org/10.1002/nur.4770140111>
- Paula, C. S., Cukier, S., Cunha, G. R., Irrarázaval, M., Montiel Nava, C., Garcia, R., & Rattazzi, A. (2020). Challenges, priorities, barriersto care, and stigma in families of people with autism: Similarities and differences amongsix Latin American countries. *Autism*, 24(8), 2228–2242. <https://doi.org/10.1177/1362361320940073>
- Perry-Jenkins, M., Repetti, R. L., & Crouter, A. C. (2000). Work and family in the 1990s. *Journal of Marriage and Family*, 62(4), 981–998. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3737.2000.00981.x>
- Parker, Simon. (2009). *The Economics of Self-Employment and Entrepreneurship*. Cambridge. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511817441>.
- Pines, A. M., Lerner, M., & Schwartz, D. (2010). Gender differences in entrepreneurship. *Equality, Diversity and Inclusion: An International Journal*, 29(2), 186–198. <https://doi.org/10.1108/02610151011024493>
- Ragins, B. R., & Winkel, D. E. (2011). Gender, emotion and power in work relationships. *Human Resource Management Review*, 21(4), 377–393. <https://doi.org/10.1016/j.hrmr.2011.05.001>
- Rios, C., & Costa Andrada, B. (2015). The changing face of autism in Brazil. *Culture, Medicine, and Psychiatry*, 39(2), 213–234. <https://doi.org/10.1007/s11013-015-9448-5>

- Roddy, A., & O'Neill, C. (2019). The economic costs and its predictors for childhood autism spectrum disorders in Ireland: How is the burden distributed? *Autism*, 23, 1106–1118. <https://doi.org/10.1177/1362361318801586>
- Roman-Urrestarazu, A., van Kessel, R., Allison, C., Matthews, F. E., Brayne, C., & Baron-Cohen, S. (2021). Association of race/ethnicity and social disadvantage with autism prevalence in 7 million school children in England. *JAMA Pediatrics*, 175(6), Article e210054. <https://doi.org/10.1001/jamapediatrics.2021.0054>
- Rosano, E., & Michel, F. (2017). Recent advances in mixed methods research: Applications in the field of education and teaching. *International Journal of Educational Management*, 19(3). <https://doi.org/10.18562/IJEE.2015.0005>
- Sakyi-Nyarko, C., Ahmad, A. H., & Green, C. J. (2022). The gender-differential effect of financial inclusion on household financial resilience. *The Journal of Development Studies*, 1–21. <https://doi.org/10.1080/00220388.2021.2013467>
- SEBRAE. (2023, junho 23). *Perfil da mulher empreendedora brasileira*. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. <https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/perfil-da-mulher-empreendedora-brasileira,47cbcd7a8fb56810VgnVCM1000001b00320aRCRD#:~:text=Segundo%20o%20IBGE%2C%20no%20Brasil,de%20neg%C3%B3cios%20existentes%20no%20pa%C3%ADs>
- Sena, V., Scott, J., & Roper, S. (2012). Gender, borrowing patterns and self-employment: Some evidence for England. *Small Business Economics*, 38, 467–480. <https://doi.org/10.1007/s11187-010-9272-9>
- Shelton, L. M. (2006). Female entrepreneurs, work–family conflict, and venture performance: New insights in to the work–family interface. *Journal of Small Business Management*, 44(2), 285–297. <https://doi.org/10.1111/j.1540-627X.2006.00168.x>
- Shepherd, D., Goedeke, S., Landon, J., & Meads, J. (2020). The types and functions of social supports used by parents caring for a child with autism spectrum disorder. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 50(4), 1337–1352. <https://doi.org/10.1007/s10803-019-04359-5>
- Shockley, K. M., & Singla, N. (2011). Reconsidering work–family interactions and satisfaction: A meta-analysis. *Journal of Management*, 37(3), 861–886. <https://doi.org/10.1177/0149206310394864>
- Storey D.J. & Greene F.J. (2010). *Entrepreneurship and small businesses*. Pearson.

- Sufian, I., Fernandez, D., Omar Zaki, H., Rosli, N., Johar, E. R., & Jamaludin, N. A. (2022). Motivation to grow women entrepreneurs' home-based businesses. *Malaysian Journal of Social Sciences and Humanities*, 7, e001650. <https://doi.org/10.47405/mjssh.v7i8.1650>
- Sukiennik, R., Marchezan, J., & Scornavacca, F. (2022). Challenges on diagnoses and assessments related to autism spectrum disorder in Brazil: A systematic review. *Frontiers in Neurology*, 12, 598073. <https://doi.org/10.3389/fneur.2021.598073>
- Sutter, C., Bruton, G. D., & Chen, J. (2019). Entrepreneurship as a solution to extreme poverty: A review and future research directions. *Journal of Business Venturing*, 34(1), 197-214. <https://doi.org/10.1016/j.jbusvent.2018.06.003>
- Szlamka, Z., Sebastián, C., Hanlon, C., & Hoekstra, R. A. (2024). Caregiver-centred empowerment for families raising autistic children: A qualitative case study from Argentina. *Autism*, 0(0). <https://doi.org/10.1177/13623613241238254>
- Tashakkori, A., & Teddlie, C. (Eds.). (2010). *SAGE handbook of mixed methods in social & behavioral research* (2^a ed.). SAGE Publications
- Taylor, S. E. (2011). Social support: A review. In H. S. Friedman (Ed.), *The Oxford handbook of health psychology* (pp. 189–214). Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780195342819.013.0009>
- Thébaud, S. (2015). Business as plan B: Institutional foundations of genderine quality in entrepreneurship a cross 24 industrialized countries. *Administrative Science Quarterly*, 60(4), 671–711. <https://doi.org/10.1177/0001839215591627>
- Thoits, P. A. (2011). Mechanisms linking social ties and support to physical and mental health. *Journal of Health and Social Behavior*, 52(2), 145–161. <https://doi.org/10.1177/0022146510395592>
- Tseng, T. H., Wang, Y. M., Lin, H. H., Lin, S. J., Wang, Y. S., & Tsai, T. H. (2022). Relationships between locus of control, theory of planned behavior, and cyber entrepreneurial intention: The moderating role of cyber entrepreneurship education. *The International Journal of Management Education*, 20(3), 100682. <https://doi.org/10.1016/j.ijme.2022.100682>
- Urbano, D., Audretsch, D., Aparicio, S., & Noguera, M. (2020). Does entrepreneurial activity matter for economic growth in developing countries? The role of the institutional environment. *International Entrepreneurship and Management Journal*, 16(4), 1065–1099. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0247609>
- Uzunidis, D., Boutillier, S., & Leperche, B. (2014). The entrepreneur's 'resource potential' and the organic square of entrepreneurship: Definition and application of the French case. *Journal of Innovation and Entrepreneurship*, 3(1), 1–21. <https://doi.org/10.1186/2192-5372-3-1>

- Vita, L., Mari, M., & Poggesi, S. (2014). Women entrepreneurs in and from developing countries: Evidences from the literature. *European Management Journal*, 32(3), <https://doi.org/10.1016/j.emj.2013.07.009>
- Walker, E., & Webster, B. (2006). Management competencies of women business owners. *International Entrepreneurship and Management Journal*, 2(4), <https://doi.org/10.1007/s11365-006-0009-9>
- Walker, E., Wang, C., & Redmond, J. (2008). Women and work-life balance: Is home-based business ownership the solution? *Equal Opportunities International*, 27(3), 258–275. <https://doi.org/10.1108/02610150810860084>
- Wiklund, J., Hatak, I., Patzelt, H., & Shepherd, D. (2018). Mental disorders in the entrepreneurship context: When being different can be na advantage. *Academy of Management Executive*, 32(2), 182-206. <https://doi.org/10.5465/amp.2017.0063>
- Xheneti, M., Madden, A., & ThapaKarki, S. (2019). Value of formalization for women entrepreneurs in developing contexts: A review and research agenda. *International Journal of Management Reviews*, 21(1), 3–23. <https://doi.org/10.1111/ijmr.12172>
- Yorke, I., White, P., Weston, A., Rafla, M., Charman, T., & Simonoff, E. (2018). The association bet ween emotional and behavioral problems in children with autism spectrum disorder and psychological distress in theirparents: A systematic review and meta-analysis. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 48(10), 3393–3415. <https://doi.org/10.1007/s10803-018-3605-y>

Apêndice

A. Questionário para Mães de Autistas Brasileiras

1. Indiqueo seu nível de concordância com as afirmações a seguir:

Marque todas que se aplicam.

| | Concordo totalmente | Concordo | Nem concordo e nem discordo | Discordo | Discordo totalmente |
|---|--------------------------|--------------------------|-----------------------------|--------------------------|--------------------------|
| Ser empreendedora implica mais vantagens do que desvantagens para mim | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| A carreira de empreendedora é atraente para mim | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Se eu tivesse oportunidade e recursos, gostaria de abrir uma empresa | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Ser empreendedora traria grandessatisfações para mim | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Dentre várias opções, eu preferiria ser empreendedora | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

2. Se você decidisse criar uma empresa, as pessoas do seu ambiente próximo apoiariam sua decisão?

Marque apenasum por linha.

| | Concordo totalmente | Concordo | Nem discordo e nem concordo | Discordo | Discordo totalmente |
|---------------------|--------------------------|--------------------------|-----------------------------|--------------------------|--------------------------|
| Sua família próxima | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Seus amigos | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Seus colegas | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

3. Nos últimos meses tenho tido medo de...

Marque apenas um por linha.

| | Concordo totalmente | Concordo | Nem concordo e nem discordo | Discordo | Discordo totalmente |
|---|--------------------------|--------------------------|-----------------------------|--------------------------|--------------------------|
| De não obter financiamento suficiente para levar a empresa a diante | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| De não conseguir financiar o negócio | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| De não conseguir o financiamento necessário para o negócio | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Das expectativas dos outros sobre mim | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| De decepcionar as pessoas que são importantes para mim | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| De perder a confiança das pessoas que são importantes para mim | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

4. O trabalho para desenvolvimento da família...

Marque apenas um por linha.

| | Concordo totalmente | Concordo | Nem concordo e nem discordo | Discordo | Discordo totalmente |
|--|--------------------------|--------------------------|-----------------------------|--------------------------|--------------------------|
| Me ajuda a entender diferentes pontos de vista e isso me ajuda a ser um melhor membro da família | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Me ajuda a adquirir conhecimento e isso me ajuda a ser um melhor membro da família | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Me ajuda a adquirir habilidades e isso me ajuda a ser um melhor membro da família | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

5. O trabalho para capital familiar...

Marque apenas um por linha.

| | Concordo totalmente | Concordo | Nem concordo e nem discordo | Discordo | Discordo totalmente |
|---|--------------------------|--------------------------|-----------------------------|--------------------------|--------------------------|
| Me ajuda a me sentir pessoalmente realizada e isso me faz um melhor membro para a família | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Me dar uma sensação de realização e isso me ajuda a ser um melhor membro da família | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Me dar uma sensação se sucesso e isso me ajuda a ser um melhor membro da família | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

6. A eficiência para o trabalho...

Marque apenas um por linha.

| | Concordo totalmente | Concordo | Nem concordo e nem discordo | Discordo | Discordo totalmente |
|--|--------------------------|--------------------------|-----------------------------|--------------------------|--------------------------|
| Exige que eu evite perder tempo no trabalho e isso me ajuda a ser uma trabalhadora melhor | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Me encoraja a usar o meu tempo de trabalho de forma focada e isso me ajuda a ser uma trabalhadora melhor | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Faz com que eu fique menos focada no trabalho e isso me ajuda a ser uma trabalhadora melhor | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

7. Por favor, seja o mais sincera possível, lembre-se que suas respostas permanecerão estritamente anônimas

Marque uma por linha.

| | Concordo totalmente | Concordo | Nem concordo e nem discordo | Discordo | Discordo totalmente |
|--|--------------------------|--------------------------|-----------------------------|--------------------------|--------------------------|
| Serei capaz de atingir as metas que estabeleci para mim mesma | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Diante de tarefas difíceis tenho certeza que as cumprirei | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Em geral, acho que posso obter resultados que são importantes para mim | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Acredito que posso obter sucesso máximo em qualquer empreendimento ao qual me proponho | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Serei capaz de superar com sucesso muitos desafios | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Estou confiante que posso desempenhar com eficácia muitas tarefas diferentes | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Comparado com outras pessoas, consigo realizar a maioria das tarefas muito bem. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Mesmo quando as coisas estão difíceis, consigo me sair muito bem. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

8. Você possui seu próprio negócio

Sim
Não

9. Qual é a sua idade?

18-24
25-34
35-44
45-54
55-64
65 ou mais

10. Qual o seu estado civil?

Solteira
União Estável
Casada
Divorciada
Viúva

11. Qual o seu nível de escolaridade?

Ensino fundamental incompleto
Ensino fundamental
Ensino médio
Ensino superior
Pós-graduação
Mestrado
Doutorado

12. Você recebe algum tipo de auxílio ou benefício financeiro do governo?

Sim
Não

13. Qual a sua renda familiar mensal?

Até um salário mínimo
De 1 a 2 salários
De 3 a 5 salários
De 5 a 10 salários
Mais de 10 salários

B. Guião Para Entrevista Com Mães De Autistas Empreendedoras:

- **Apresentação:**

Por favor, conte-me um pouco sobre você (nome, idade, onde mora) e sobre seu(s) filho(s) autista(s) (quantos são e suas idades).

- **Maternidade e Autismo:**

Como foi a sua experiência ao descobrir que seu filho(a) era autista?

Quais foram os principais desafios que você enfrentou ao criá-lo(a)?

- **Empreendedorismo:**

O que a motivou a se tornar empreendedora?

Como a experiência de criar uma criança autista influenciou e inspirou esse interesse?

- **Primeiros Passos:**

Quais foram os primeiros passos que você tomou para iniciar seu próprio negócio?

Você recebeu algum tipo de apoio nesse processo?

- **Equilíbrio entre Maternidade e Empreendedorismo:**

Como você equilibra as demandas do empreendedorismo com as necessidades de cuidar de seu filho autista?

Quais estratégias utilizam para conciliar sua vida profissional e pessoal?

- **Desafios e Superação:**

Quais são os maiores desafios que você enfrenta como mãe empreendedora de uma criança autista?

Como você lida com eles no dia a dia?

- **Aspectos Positivos e Aprendizados:**

Quais aspectos positivos você considera em ser uma mãe de autista empreendedora?

De que maneira essa experiência contribuiu para o seu crescimento pessoal e profissional?

- **Conselhos e Considerações Finais:**

Quais conselhos você daria a outras mães de crianças autistas que estão interessadas em iniciar seu próprio negócio?

Há mais alguma coisa que você gostaria de compartilhar sobre sua experiência?

Agradeço imensamente por compartilhar sua história e perspectivas. Sua contribuição será valiosa para este estudo.

C. Guião Para Mães De Autistas Não Empreendedoras, Mas Com Intenção De Voltar Ao Mercado De Trabalho Convencional

- **Apresentação:**

Por favor, conte-me um pouco sobre você (nome, idade, onde mora) e sobre seu(s) filho(s) autista(s) (quantos são e suas idades).

- **Maternidade e Autismo:**

Como foi a sua experiência ao descobrir que seu filho(a) era autista?

Quais foram os principais desafios que você enfrentou ao criá-lo(a)?

- **Empreendedorismo e Mercado de Trabalho**

Com o que você trabalha atualmente? Empreendedora, trabalha em alguma empresa ou em casa cuidando exclusivamente do filho?

Você tem intenção de empreender algum dia?

Você acredita que a falta de rede de apoio é o maior desafio para conciliar o empreendedorismo com os cuidados do seu filho autista?